

Narrativas de Emancipação pelo Design

Volume anexo

Trabalho de conclusão do curso de design, apresentado para avaliação no dia 1 de julho de 2015, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Este volume é secundário, contendo as transcrições integrais das entrevistas realizadas como parte do trabalho.

*Guilherme Almeida de Souza,
com orientação de Giselle Beiguelman*

Sumário

Guia de entrevistas	III
Transcrições das entrevistas	IV
Camilla Annarumma	IV
Erica Ribeiro	XVI
Ivo Pons	XXX
Rafael Gatti	XXXIX

Guia de entrevistas

Este documento serviu o propósito de conduzir as entrevistas do trabalho de conclusão *Narrativas de Emancipação pelo Design*. O objetivo pretendido era o de discutir o norteamento humanitário que certos projetos de design propõem e entender suas motivações éticas.

A maneira como as perguntas aparecem aqui não é exatamente a maneira como foram apresentadas aos entrevistados. Como guia geral, não foi seguido sempre fielmente; era utilizado como norteamento geral da condução da entrevista, e não como leitura obrigatória. Por isso, pode acontecer de alguma das entrevistas não esgotar totalmente os assuntos aqui apresentados (quando isso ocorreu, foi porque não foi identificada essa necessidade), como também pode tocar em assuntos que aqui não aparecem.

Os temas gerais aparecem em dois blocos de três questões: o primeiro discute as convicções do entrevistado a respeito da orientação ética do design, enquanto o segundo se volta a questões factuais de cada projeto citado.

- Você acredita que a prática do design pode operar transformação social? De que maneiras isso pode acontecer?

- Essa transformação é desejável? É responsabilidade do design (ou do designer) operá-la? Porque?

- Qual é a profundidade desta transformação? Em outras palavras, qual é exatamente a diferença que se nota nesta pessoa (ou comunidade) transformada, entre antes e depois dessa intervenção?

- De onde surgiu a primeira ideia, a primeira vontade de trabalhar neste sentido, no caso deste projeto? Como se juntou a equipe de trabalho? Há algum vínculo com instituição de ensino (universidade, etc)?

- Como aconteceu o primeiro contato com a comunidade carente? Foram eles que contataram ou o contrário? Como aconteceram os contatos subsequentes?

- Qual você acredita que tenha sido o resultado, depois do trabalho? Acredita que houve uma melhora efetiva na condição social? Considera que a atuação neste projeto foi crucial nesta transformação?

Transcrições das entrevistas

As transcrições se comprometem a manter-se o mais fidedignas possível ao discurso original. Esta primeira edição — mais direta, mais preliminar — tem o objetivo apenas de eliminar alguns vícios próprios da língua falada. Sua intenção foi intervir minimamente, apenas o necessário para tornar coerente o texto. Pede-se tolerância com leves desvios do significado original pretendido que podem aparecer devido à própria prática da transcrição, que não é isenta dos mais leves enganos. Se, mesmo sob esta consulta, restar dúvida a respeito do que foi dito, as gravações digitais estão disponíveis anexadas a este volume.

Ficará destacado em negrito as falas do entrevistador, enquanto as do entrevistado aparecerão em corpo regular.

Camilla Annarumma

Entrevista realizada no dia 25/09/2014, por volta das 17h15, na varanda da biblioteca da fauusp, com Camilla Annarumma, a respeito de design social e do Colabora.

[...]

Tá gravando... Bom, é muito simples o que eu preciso, são seis perguntinhas, enquanto você falar eu quero dar umas réplicas, pra ser mais uma conversa mesmo. Só que antes da gente começar eu queria falar um pouco sobre o que é o meu trabalho pra você ficar sabendo também, e etecetera... É um trabalho teórico. É uma revisão crítica a respeito do que tem sido feito como design social, como projetos sociais aportados pelo design. Então, a primeira parte, o TCC 1, foi mais uma revisão bibliográfica: eu peguei Gui Bonsiepe e mais dois autores que são menos conhecidos pra fazer como se fosse uma mini-genealogia do pensamento de design social que começa desde um autor dos anos sessenta e setenta até... Não passei por Papanek muito intensamente mas ele é citado. Mas principalmente as ideias do Bonsiepe são o maior foco do meu trabalho. E agora eu estou entrevistando algumas pessoas que estão trabalhando com isso. Além de vocês, eu estou tentando com o Rafael Gatti que fez o revale — acho que você conhece — e com o Ivo Pons, do design possível.

Você já falou com o Ivo?

Eu consegui o contato dele mas ainda não entrevistei. Eu acho que eu vou tentar marcar pra semana que vem.

Ah, tá. Que eu conheço ele e qualquer coisa, se precisasse...

Não, eu já consegui o contato...

Mas ele é tranquilo...

É... É que ele não está no Brasil... Por isso que...

Ah, ele está fora?

É. Então, acho que a gente pode começar... A primeira pergunta é assim: Você acredita que a prática do design pode operar uma transformação social? De que maneiras isso pode acontecer?

Sim, eu acredito. Eu acho que o design, ele tem, como muitas outras profissões (talvez todas), tem uma responsabilidade social muito grande. E eu acredito que, bom, que projetos de design possam influenciar muito diretamente em transformações sociais. Não acredito muito na coisa de ensinar design para as pessoas comuns ou pra qualquer pessoa. Eu acho que a gente tem uma formação de 5 anos não é à toa, até muito mais anos que dava, pra falar a verdade. Mas eu acredito que, talvez através de produtos, campanhas conscientizadoras, disseminação de informação... Por muitos meios eu acredito que o design possa ser responsável por essa transformação social. Eu vejo, participei de alguns projetos nesse sentido. Pelo Colabora ou pelo Ilha, que é um outro projeto social que a gente tem aqui...

Qual é o outro, desculpa?

É Ilha Design. É um projeto que eu trouxe lá do Rio pra cá e a gente está engatinhando ainda...

Bom, você falou de conscientização. O que significa essa ideia de conscientização, como isso se dá?

Conscientização, você diz, que eu disse em que sentido? Do design ou da sociedade? Do designer conscientizando a sociedade?

Isso.

Acho que a gente, pela nossa formação, a gente tem uma visão bacana, assim, uma visão geral de processos de produção, de materiais, acho que essa nossa visão é muito particular do design. Lógico que isso não é só atribuído ao design, mas eu acredito que, encima desses conhecimentos que a gente tem da nossa formação, a gente consegue conscientizar as pessoas a respeito justamente disso. Da responsabilidade social, a respeito, enfim, de materiais, de uso, de linguagem... Acho que coisas mais nesse sentido... Se eu falei a respeito de conscientização eu não lembrava mais se eu tinha falado...

É, acho que foi nesse sentido mesmo que você usou. Então seria como uma, seria esclarecer uma ignorância prévia da população em geral?

É, não acredito que a população em geral...

Não só a respeito do design mas a respeito do trabalho social, seria isso?

É, talvez. Não acredito que todo designer tenha esse conhecimento ou tenha essa predisposição. E não acredito que toda a sociedade é ignorante. Não acredito que o design é o único meio de salvação. Mas acredito que, assim como muitas outras profissões, como é na área da saúde (talvez isso seja uma forma bacana de se exemplificar) eu acho que é responsabilidade de qualquer profissional você disseminar conhecimento que possa, enfim, ajudar a criar impacto positivo: social, ambiental, enfim...

Bom, é...

E antes eu tinha falado sobre disseminar conhecimento, não necessariamente é nosso. Digo, por exemplo, sei lá, usando a área da saúde, tem alguma coisa a transmitir pra comunidade. Enfim, acredito que o design pode ser uma boa ferramenta pra isso. A gente trabalha diretamente com o usuário, a gente aprende basicamente isso na faculdade, como se comunicar... Enfim, minha formação na UFRJ era design gráfico, comunicação visual. Então eu, Camilla, sou muito ligada com a área de comunicação. E acho que, quando eu falei sobre disseminar conhecimento, não era a respeito do meu conhecimento, é fazer a interface. Existe uma informação e existe o usuário; fazer esta ponte.

Você usou a palavra salvação.

(risos)

Isso parece meio chato mas eu me ateno muito a esses pontos porque...

Claro, fique à vontade...

Inclusive o Bonsiepe usa “emancipação”, muito. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso... Você falou “o design não é o único...

Salvação.

...meio de salvação.”

É, porque a gente, no “design social”, né... E pra mim, eu uso aspas porque pra mim todo design deveria ser social, pra mim é uma característica intrínseca do design. Não faz sentido o designer ter a intenção de destruir nada, claro que não. Você espera que dentro de qualquer profissão você almeja o bem, almeja facilitar as coisas, solucionar coisas, então... Por isso que eu acredito que todo design é social. A gente tem que, às vezes, usar essa nomenclatura pras pessoas se situarem, pra saberem do que a gente tá falando: do designer de fato engajado, de fato, enfim, determinado nesse sentido né? Do design do bem. Enfim, e aí o que você perguntou era sobre salvação...?

É.

A salvação que eu disse é no sentido que hoje

a gente acha que o design, o designer social é o cara que vai transformar vidas e salvar pessoas e etc. Não acho que isso é uma responsabilidade só do designer, é uma responsabilidade de todo mundo. Poder, enfim, ajudar pessoas, contribuir, melhorar o meio ambiente, solucionar problemas, coisa e tal. Então...

Tá... A gente já tá entrando na segunda pergunta, então eu já vou fazê-la: É responsabilidade do design ou designer operar essa transformação? Porque?

Não. Não só do design. Acho que... É que mistura muito essa coisa da profissão com o próprio ser humano né. Pelo menos eu tenho muito essa visão, de, enfim, não de ajudar, não assistencialista, não acredito muito nisso. Mas eu acredito que é você fazer o bem, você fazer a coisa da maneira correta. Você gerar coisas boas através da sua atividade. Isso eu acredito que é uma responsabilidade de qualquer profissional. E, abrindo mais, sendo mais abrangente, qualquer pessoa.

Você falou... Tem essa definição: “não é assistencialismo... O que a gente quer é outra coisa, é fazer...” Por exemplo, o Bonsiepe usa muito a palavra “gerar autonomia”, seria o contrário...

...do assistencialismo...

...do assistencialismo, certo? Essa questão da autonomia é talvez um ponto central no meu trabalho. Porque... Principalmente no sentido em que se coloca muito o design social, e até no Bonsiepe isso é muito forte, de o design ser a ferramenta de geração de autonomia entre populações menos favorecidas, etcetera. Só que isso, porque que é central no meu trabalho? E porque que é uma leitura crítica o meu trabalho? Porque isso aparentemente é paradoxal. Como é que você pode gerar autonomia no outro?

Sim...

Ou seja, como é que você pode dizer, depois do feito, que aquele outro é autônomo, graças à sua ajuda? Quer dizer, isso não é autonomia...

Não... Não, a gente aprendeu isso no colabora...

Pode falar um pouco sobre essa experiência?

Posso, com certeza... Acho muito rico trazer isso pra você... Porque, enfim, o entrelaços a gente começou indo na ABDIM (Associação Brasileira de Distrofia Muscular), que é aqui perto, era pequenininha, então a gente falou “pô, pra um projeto piloto, bacana”. E aí, enfim, crianças, adolescentes e jovens com distrofia muscular. E designers, em grande parte, de produto. Você imagina que a gente foi lá com uma bela sede de fazer produto. De fazer brinquedo, de fazer materiais pra ajudar na fisioterapia e etcetera. E foi um pouco com essa vibe... A gente não foi fechado, claro, a gente aprende na fau que a gente tem que ser aberto e avaliar, estudar, né, pra ver o que realmente precisa ser, o que convém ser projetado. Mas é claro que todo mundo tinha um pezinho lá, todo mundo era designer (na época o colabora era formado só de designers) e quando a gente chegou lá a gente viu que as crianças, os pacientes eram muito bem atendidos. Lá eles eram pequenos mas eles tinham uma estrutura muito boa, eles contavam com bastante investimento... Principalmente pra eles, pros pacientes, né, o que é óbvio... Então brinquedo, talheres, equipamentos para fisioterapia, tudo isso era muito completo. O que fez com que o grupo ficasse meio “e agora... o que a gente vai fazer então?”. E aí a gente se voltou pras mães dos pacientes, e a gente viu que elas... Enfim, a mãe de um paciente com distrofia muscular vive 100% em prol do filho, pra realizar tudo que for necessário relacionado a ele. E elas não fazem nada pra elas mesmas, elas não têm tempo de trabalhar, elas não têm tempo pra nada. Então a auto-estima delas era baixíssima, elas não tinham liberdade pra nada. Geralmente a renda da família era fornecida por pai ou marido ou irmão, etcetera... E basicamente essa era a realidade delas. E a gente começou a trabalhar com elas, e conversar, e ver o que seria bacana desenvolver com elas. A gente viu que a renda era uma questão muito... A gente, na verdade, partiu muito automático pra renda. Falou: “poxa, elas não têm nenhuma renda, isso é péssimo, porque crianças com distrofia muscular gastam muito. É muito caro, todo o tratamento, materiais, etc...” Então a gente falou: “a renda é uma coisa muito importante, beleza”. E a gente, conversando com elas, elas estavam fazendo umas oficinazinhas bem básicas de costura, coisa e tal, e aí foi quando surgiu a ideia das oficinas de costura e artes. Aí foi quando a gente começou a dar algumas instruções... Foi mais

umas oficinas mesmo... A gente aprendeu a costurar, a gente ensinava pra elas algumas coisas. E junto com elas a gente ia desenvolvendo algumas coisas, mas tudo muito, sabe: ecobag, costura, patchwork (que são retalhos que você monta, tipo, mosaicos e tal). E era muito, no começo, ideias de gestalt, de combinação de cor... Coisas muito básicas, mas que pudessem dar a base pra elas, um dia, fazerem suas próprias coisas, fazerem produtos de maior qualidade.

Nesse caso você está dando um conhecimento que é próprio do design mesmo...

Isso, isso.

Nesse caso foi isso...?

Isso bem no comecinho né. E aí foi quando... Porque elas estavam fazendo bolsas imitando Romero Britto... E aí a gente falou “mas elas não podem, porque tem direito de imagem...” e “ah, mas o que elas vão imitar então?”. Mas elas não precisam imitar, se elas tivessem algum conhecimento prévio elas poderiam montar as próprias composições e tudo mais. Esse era o sonho. E aí a gente dava essas oficinas pra elas, tanto de costura quanto de artes né, composição formal, etc... E aí, mais pra frente, veio a ideia da bolsa, que era fazer um produto próprio delas, que elas pudessem vender, que tivesse autoria. E que cada bolsa fosse personalizada, cada uma delas faria uma estampa, alguma coisa pra bolsa. E costuraria a bolsa. A gente desenvolveu o projeto em conjunto com elas. Bom, e essa era a história, a ideia de que elas vendessem a bolsa e tivessem uma renda. Só que, no final das contas, nada é como a gente espera. Pra um projeto piloto foi muito bacana, a gente ter tido essas experiências. Isso é uma visão muito minha, mas boa parte do projeto compartilha disso junto comigo. A gente já sentou algumas vezes pra dar esse feedback de ver quais são os resultados do projeto. Então, no final das contas a gente fez a bolsa, elas adoraram. De fato, isso eu posso te dizer com certeza: a perspectiva delas mudou muito, especialmente a respeito de auto-estima. Elas mudaram bastante, se sentiam muito bem por fazer parte daquele grupo e ter a coisa da marca, do entrelaços, que foi feito junto com elas, e elas que escolheram o nome... Elas é que escolheram quase tudo em parceria com a gente. A gente só ia dando algumas ideias, algumas coisas e elas iam seguindo caminho que elas queriam, que elas se

identificavam mais...

Talvez dando umas ideias de metodologia...?

É, e principalmente, por exemplo, a respeito do nome: a gente fez um brainstorm com elas e depois um brainstorm separado, e aí a gente chegou no final em três nomes. E aí, no final dos três nomes, elas escolheram o que elas achavam melhor, que era o que a gente menos gostava. E elas optaram por aquele. No final, fez super sentido aquilo. E depois elas fizeram um mapa... Elas fizeram um painel semântico pra poder começar os desenhos encima da marca. Então foi tudo muito vai e volta, elas não desenharam nada, mas também nada partiu da gente. Então foi um pouco disso o processo inteiro. Desde a marca como a bolsa e etc. Só que, no final das contas, quando a gente tinha a bolsa pronta e falou “beleza, vamos vender”, a gente chamou o PESC, da FEA (que é um grupo que era um projeto de extensão, e hoje em dia ele já acabou e virou outra coisa: é o FEA Social agora... Se eu não me engano um virou o outro, ou um englobou o outro, não sei te explicar direito). O PESC tinha por objetivo encontrar comunidades ou grupos de pessoas que tinham algum trabalho, alguma coisa e queriam virar cooperativa. Eles ajudavam nessa transição, de grupo de trabalho para uma cooperativa de fato, legalizada, tudo bonitinho. Perfeito. Elas toparam a ideia da cooperativa, acharam uma boa a ideia da cooperativa que é o que a gente tinha por alto, e a gente chamou o PESC. Eles foram lá e, depois de muito tempo, deles indo lá e fazendo oficina, e ensinando pra elas coisas mais chatas, burocráticas... No final das contas, a gente sentou com o PESC e viu que não era isso que elas queriam. Elas não queriam uma renda a mais, elas não queriam se organizar, elas não queriam necessariamente ser uma cooperativa... A coisa toda, era muito mais valioso pra elas todo o processo, sabe? De estar junto, de fazer, de criar uma coisa própria; tudo isso, para elas, já valeu. Entendeu? É como se o projeto todo tivesse alcançado o seu objetivo muito antes do que a gente estava achando. Não era exatamente o nosso objetivo, mas para elas aquilo tudo fez muito sentido; elas gostavam daquilo do jeito que tava. Fazendo a bolsa no ritmo delas... Não gostavam de atender demanda. A gente fez uma demanda de bolsas que saiu super tarde... Que foi planejado mas elas, enfim... E, também, elas passaram por uma mudança né, a ABDIM foi englobada pela AACD, e aí separou as mães... Então foi super tenso,

porque elas não se encontram fora da ABDIM. Então isso meio que desmanchou todo o processo... Eu não vejo como um projeto que deu errado, eu vejo claramente que é um projeto que a gente tinha uma expectativa e ele foi totalmente diferente daquilo. E no final das contas a gente aprendeu: de fato a gente não tem como ensinar design para qualquer pessoa; principalmente se, enfim, não é o objetivo a pessoa aprender design. A coisa das estampas próprias, da própria customização da bolsa delas foi uma coisa muito complicada, que não deu muito certo... Mas a costura toda, essas coisas, elas aprenderam bem. Hoje elas fazem a bolsa super bem, e elas gostam muito de ter atingido esse objetivo. Mas vender as bolsas, escalonar, fazer dinheiro; não é o objetivo delas.

O negócio, né? Eu queria puxar a próxima pergunta e incrementar acima dela. A pergunta seria: “Qual é a profundidade dessa transformação, essa transformação social? Qual exatamente a diferença que se nota nessa pessoa depois dessa transformação, entre antes e depois da intervenção?” Você falou em auto-estima e renda, nesse caso. Seriam talvez os dois pilares que seriam, talvez, exatamente a diferença que eu estou tentando perguntar? Melhorar a auto-estima delas, e isso como está relacionado com a questão da renda? Talvez essa é a pergunta...

A gente tinha uma expectativa de que a renda traria essa questão da auto-estima. A gente têm isso muito na cabeça: se elas estão fazendo dinheiro, estão comprando as próprias coisas, isso seria super legal. Mas não, uma coisa aparentemente não estava atrelada à outra. Lógico que, se elas tivessem engatado, e talvez obtendo maior renda... Porque até então elas fizeram uma leva só de bolsas e ainda não receberam o dinheiro todo porque também não entregaram todas as bolsas. Está nesse processo delas receberem esse pagamento. E eu não tenho como te dizer; talvez a Paulinha que é uma pessoa do Colabora que está acompanhando elas mais de perto possa te dizer isso melhor, depois você pode até mandar um e-mail pra ela, porque ela vai sentir qual vai ser a reação delas depois de receber esse dinheiro dessa primeira leva de bolsas que elas fizeram. Mas a gente viu a diferença, a questão da auto-estima, mudar completamente no processo. Não está, necessariamente, atrelado à renda. Talvez isso mude, isso faça bastante diferença, depois de receber a primeira grana, da primeira leva. Não sei.

Você acha que está, talvez, relacionado mais com o trabalho mesmo?

É. Mas definitivamente, a gente pôde acompanhar nelas essa mudança. Que no começo elas eram muito tristes. As meninas que voltavam das oficinas, a Isabella e a Luana da T-4, elas voltavam chorando, toda quarta-feira de lá. Porque elas conversavam com as mães, as mães contavam as tragédias, coisa e tal. Isso foi claramente mudando ao longo do tempo. Elas sempre eram positivas, isso a gente nunca pôde... Isso era uma coisa que a gente aprendeu com elas desde o começo. A gente estava com muito medo de que fosse uma coisa muito triste. Elas eram super positivas, mas os acontecimentos... Era sempre um clima muito pesado, sabe? Mas elas eram assim: “não, é isso mesmo, vamos lá, amanhã a gente volta aí...” Eu sei que é meio difícil, é uma coisa meio paradoxal...

Não, acho que não...

... Falar do jeito que eu estou falando... Mas lá fazia muito sentido... Elas são muito positivas, elas acreditam muito que pode melhorar, que os filhos vão ficar bem, entendeu? Só que...

Você acha que no começo eram, talvez, uns encontros meio trágicos?

É. No começo eu lembro que um menino morreu, parece. Então isso é devastador. Quando um deles falece é triste demais, todas elas ficam muito mal. Elas eram muito positivas mas ao mesmo tempo era uma realidade muito triste, elas não tinham muito o que contar, então eu imagino que as histórias eram sempre muito pesadas, entendeu? Mas elas lidavam com isso super bem, acho que é um pouco disso. A situação era muito complicada mas elas lidavam com isso bem. Mas ao longo do tempo elas começavam a ver um pouco mais o lado bom e olhavam mais para si, entendeu? Era um pouco menos falar do filho e falar: “nossa, olha o que eu fiz essa semana, olha como minha bolsa ficou linda... Olha só o que eu aprendi, essa cor combina com essa, não é? Eu aprendi com vocês, eu lembro que vocês falaram isso das cores...” Então era um pouco mudança de ares. Elas começaram a prestar mais atenção, a ligar mais para o que elas faziam. E quando você fala “Nossa, ficou muito bonita! Deu muito certo dessa vez!” e elas falam assim “Nossa, você acha mesmo?”. Isso para elas era muito

importante, ter esse feedback e ver que elas estavam fazendo a coisa, que elas eram donas daquilo ali e que estava dando certo. E elas afirmam, toda vez que a gente conversa elas falam muito sobre isso, sobre a questão da consciência de grupo. Elas eram um grupo, mas porque elas eram obrigadas; porque elas estavam ali, naquela hora, esperando os filhos. Porque lá, enquanto os filhos fazem as atividades (que eles vão passando de fisio pra outras coisas, outros tratamentos, respiratório...), elas ficam todas numa salinha, e elas eram um grupo por isso. E a gente chegou e fez as oficinas e transformou, e junto com elas, viraram o entrelaços, entendeu? E elas falam muito sobre essa coisa do “A gente está muito mais unida, ficou mais amiga... Eu ligo pra fulana todo dia”. Isso é uma coisa que a gente colheu muito antes de estar atrelado à renda. Qualquer coisa relacionada a isso. Veio muito do trabalho, sim, das experiências que elas tinham juntas.

Talvez ou trabalho, ou ocupação, ou mesmo ela entender que está melhorando naquele fazer, naquela...

Sim, isso fazia muita diferença. Elas às vezes se decepcionavam muito porque elas erravam sempre a mesma coisa na bolsa. E quando elas acertavam era a conquista do ano, sabe? Porque deu certo, porque elas aprenderam a fazer bem. E quando elas começaram a definir “ah, eu faço bem isso, eu faço bem aquilo”, isso pra elas era assim, “ah, porque a fulana é expert de fazer o bolsinho. Tá com dúvida no bolsinho fala com ela”. E isso era legal pra elas, elas se sentiam muito capazes.

Bom, eu tinha separado as perguntas, as três primeiras mais generalistas sobre o que você pensa sobre design social, e as três últimas seriam para, especificamente, o caso do entrelaços. Tem alguns pontos aqui que a gente não abordou tanto mas...

Pode retomar, eu tenho tempo. Fique à vontade.

Tá. A primeira pergunta dessas sobre o entrelaços seria: de onde surgiu a primeira ideia, a primeira vontade de trabalhar nesse sentido, no caso do entrelaços? Como se juntou a equipe, e se havia algum vínculo com a fau, no caso, com alguma instituição?

Você diz o grupo de alunos ou o grupo...?

O grupo de alunos.

Tá. O Adriano fez uma chamada pra galera do design, aberta, porque ele tinha tido umas ideias com alguns amigos de turma: Fabrício, Thomaz... E ele queria fazer um projeto social e não sabia o quê, não sabia como. E aí foi quando eu conheci eles, foi no primeiro dia, na primeira reunião. E eu já tinha feito parte do Ilha Design no Rio de Janeiro, que era um projeto de extensão. Eles começaram a discutir sobre como seria, qual seria a estrutura, o que a gente poderia fazer... Isso muito abertamente, na primeira reunião era muita divagação do que cada um queria fazer. Era, sei lá, meia dúzia de pessoas. O grupo começou a se reunir mais vezes, foi aparecendo mais pessoas e a gente foi formando a ideia do que a gente queria. A gente queria fazer projeto, projeto de verdade, e projetos para fora da universidade, para levar pra fora o nosso conhecimento. O que é basicamente a função do projeto de extensão. Se você olhar a descrição do projeto de extensão é isso: projetos universitários que visam levar para fora do ambiente universitário o conhecimento. Para ajudar, favorecer a sociedade em volta. Essa é a função do projeto de extensão. E eu falei para eles: existe projeto de extensão, tem super a ver com isso, e os caras dão bolsa e dinheiro para os projetos. Era tudo que a gente precisava, porque a gente não fazia ideia de onde ia tirar dinheiro. E foi por conta disso que a gente se inscreveu como projeto de extensão universitária aqui na USP. E a gente achava... A gente esperou... Na verdade a gente só foi se inscrever muito pra frente, a gente tinha ideia que ia ser isso, que ia ser vinculado à USP principalmente por causa do dinheiro e porque, enfim, eram universitários daqui levando pra fora... Então fazia muito sentido ser uma extensão universitária, era muito conveniente. Então a gente continuou reunindo o grupo várias vezes até que a gente começou a levantar possibilidades de projeto. E foi quando a gente chegou em três possibilidades, que era trabalhar com cooperativas de reciclagem aqui em pinheiros, que tem bastante, e que era uma possibilidade... Ou trabalhar com o HU, com o hospital universitário, que tem até hoje inúmeras demandas de projetos, não necessariamente de design, mil projetos. Tanto que muitos projetos universitários daqui são lá. Ou trabalhar com a ABDIM. Isso a gente pesquisando, nos arredores, vendo quais eram as possibilidades que a gente tinha para um projeto piloto. Ah, e tinha também

a questão das olimpíadas. Nas olimpíadas de 2016 a USP vai sediar alguns treinos e vai receber alguns atletas. E a USP não tem a menor condição de fazer isso, não tem nada de acessibilidade... Desculpa, jogos para-olímpicos. Os atletas para-olímpicos vão ficar aqui, aparentemente (até onde a gente sabia, até 2011 era isso que tava decidido), vão ficar aqui, vão treinar aqui. Isso chegou pela professora Chris, A Christiane Aun. Ela acompanha o remo, e ela falou que viu os para-atletas indo para o remo. E lá eles precisam se arrastar na grama, não tem nada, não tem rampa... Não tem nada, nada, nada. Não é acessível a USP. E isso é uma coisa grandiosíssima. Enfim, tinha essas quatro possibilidades, a gente cortou a questão das para-olimpíadas e acessibilidade na USP porque era uma coisa muito grande, e a gente era um grupo de 15 alunos. A gente cortou o HU porque a gente ficou com muito medo mesmo, porque é um projeto muito sério, uma coisa muito séria, que envolve vidas diretamente, absolutamente diretamente, qualquer coisa que a gente pudesse fazer e desse errado seria muito complicado... As cooperativas a gente tava meio assim, tal... Mas a gente optou pela ABDIM por ser pequeno, por ser próximo, por a gente já ter uma certa abertura com elas lá, que a gente conheceu algumas pessoas... E foi assim que a gente escolheu a ABDIM. E o grupo de alunos foi muito no boca a boca. Falando assim: “ah, a gente tá fazendo reuniões sobre projetos sociais, a gente tá pensando em fazer um projeto” e o pessoal ia chegando. A gente chegou a chamar pessoas de outras unidades, muito discretamente no começo porque a gente não tinha muito acesso... Conhecia pouca gente de outras unidades, ou porque a gente estava num grupo muito fechado, do próprio design. Já no começo a gente estabeleceu que queria ser um projeto multidisciplinar, principalmente quando a gente começou a visitar a ABDIM, a gente viu que precisava desesperadamente de alguém da psico. E aí a gente falou “não, tem que ser multidisciplinar” e a gente começou a chamar. E hoje a gente tem mais alunos de outros cursos, mas a grande maioria ainda é designer.

Bom, tem duas coisas que eu queria falar. Primeiro é sobre essa questão que aparece muito: levar para fora o conhecimento que a gente tem aqui dentro da universidade... A pergunta é: o que tem de tão especial sobre o conhecimento universitário que está em falta fora daqui?

Não é nada especial. Enfim, é especial porque é uma formação acadêmica, a gente está criando conhecimento específico de áreas específicas, e a ideia é articular isso e levar para fora. A gente vê muito a questão... Acho que é um pouco da academia fazendo para a própria academia... Então talvez seria uma coisa mais no sentido de contribuir lá fora. É aquela coisa: todo mundo paga um imposto que banca a gente no nosso estudo aqui. Então é super bacana, é super importante, a gente levar pra fora. A gente leva pra fora através do mercado quando a gente sai, mas nada nos impede de levar pra fora de “n” outras maneiras. No caso pode ser por projeto de extensão universitária, por estágio, enfim, ou até mesmo um emprego.

No caso, então, o que sobra aqui, o que tem de especial nesse conhecimento é talvez o financiamento público... Ou não?

Não... Acho que o conhecimento é super especial, é importante. Como eu falei, a formação acadêmica é o que a gente aprende aqui de muito específico, e poder levar pra fora... E a grana é importante pra poder bancar esses projetos, né. Poderia ser um estágio...

A minha pergunta não sei se você entendeu muito...

É, talvez não...

Essa colocação é porque... É a ideia de que o financiamento público da universidade, para a gente fazer as atividades que se faz aqui, gera uma dívida social...

Não... Eu não encaro dessa maneira. O Adriano levanta muito essa coisa dos impostos. Eu acho que é, como eu falei, é natural de todo profissional, e ser humano, poder contribuir com a sociedade de uma maneira benéfica... Daí talvez muita gente se ancore encima disso: “ah, a gente é financiado, então é bacana a gente devolver isso de alguma maneira”... Eu acho que é bacana a gente devolver isso de alguma maneira, enfim, sendo bancado ou não. Sendo financiado ou não, acho que é uma responsabilidade social interna muito maior do que isso. Mas isso às vezes ajuda as pessoas a se conscientizarem um pouco. Muita gente, às vezes, olha para o próprio umbigo: “não, eu quero me formar, quero ganhar dinheiro e dane-se”. Entendeu? Então,

às vezes, esse discurso, essa coisa de você falar assim: “Mas os caras, todo mundo paga o nosso imposto... Porque você não...?” Sabe, às vezes, talvez seja uma forma de trazer essa realidade para outras pessoas. Para quem talvez não esteja nem aí... falar: “Poxa, você é bancado, de graça, estuda aqui de graça, você não acha que tem um mínimo de responsabilidade?” Talvez seja um pouco por isso. Mas eu, particularmente, Camilla, a minha vontade de fazer esses projetos, a minha vontade de trabalhar nessa área é bem anterior a isso.

É, eu tinha outra coisa, mas eu perdi. Eu não vou conseguir lembrar agora. Então, a outra pergunta era: como aconteceu o primeiro contato... Ainda, voltando para o entrelaços... Como aconteceu o primeiro contato com o pessoal? Foi uma coisa que eles te contataram ou o contrário? Por exemplo, no caso do revale, eles que foram contatados pela... É uma cooperativa lá... É isso: como aconteceu o primeiro contato?

Então, foi como eu te falei, na época a gente tava levantando possibilidades de projeto, e a gente começou a estudar instituições ou ambientes aqui perto que a gente pudesse contribuir de alguma maneira. Então a gente foi em todos eles: a gente foi no setor de humanização do HU, a gente foi na cooperativa, a gente foi falar com a Chris a respeito dessa história das para-olimpíadas (que foi ela que trouxe o assunto numa das aulas, e a gente foi conversar com ela para entender do que se tratava). E a ABDIM foi da mesma maneira, a gente foi lá, bateu na porta delas e falou assim: “ah, a gente é estudante de design na USP, a gente tá planejando fazer um projeto, a gente tá, enfim, querendo ver lugares que precisam de projeto, de certa atenção... E a gente queria saber se vocês têm algum interesse, se vocês mesmas têm alguma demanda...” E aí elas mesmas não tinham demanda... Acho que elas começaram a falar alguma coisa meio que de arquitetura no começo, porque eles são tipo um puxadinho... É uma casa que foi virando uma clínica, sabe? E acho que no começo elas falavam muito de arquitetura (e a gente era muito do design, acho que tinha uma arquiteta só) e a gente foi falando “Não, não é bem... Não necessariamente é isso... A gente pode trabalhar em outros âmbitos...” Elas estavam muito presas a arquitetura. E a gente falou “não, a gente pode trabalhar em outros sentidos e tal...” Então ela falou assim “ah, então pode vir aí

visitar a gente, pra ver o que vocês identificarem e tal, junto com a gente, o que a gente pode melhorar aqui dentro... com certeza tem muita coisa, a gente é muito pequeno e o investimento não é muito alto...” Assim, nos tratamentos, todo o investimento que elas recebiam era voltado pros tratamentos. Então, a própria unidade, os funcionários, ninguém era muito beneficiado, assim, por esse investimento. Então a gente ficou visitando eles lá durante um bom tempo, acho que foram uns três meses de visita. Toda semana tinha duas pessoas do colabora lá pra ver a rotina delas. E aí, como eu te falei, a gente foi muito focado nas médicas, nos pacientes, e a gente acabou identificando a coisa nas mães.

Lembrei o que eu tinha... O que eu tinha que perguntar. Você tinha falado de multidisciplinaridade, que vocês sentiram a necessidade da contribuição de outras áreas de conhecimento (como você falou, da psicologia e tal). Isso também é um ponto que é bastante trabalhado pelo Bonsiepe e por muitos designers, a questão da multidisciplinaridade. Se defende muito que design é, por natureza, multidisciplinar; que os projetos têm que receber essas contribuições diversas. Mas muitas vezes se entra numa certa “polêmica”, entra aspas, a respeito do papel do design nesses grupos multidisciplinares. Muita gente diz que, pelo design ter uma formação generalista, por ser uma matéria que trata de projeto em primeira instância, ela deve ter um papel talvez coordenador ou...

Centralizador...

Centralizador, exatamente. Qual é a sua opinião a respeito disso? Da multidisciplinaridade...?

Isso vai ser muito a minha opinião...

Sim, sim, voltando um pouco pra primeira parte, talvez...

É. Não, só te explicando que... acho que até um certo ponto dessa sua pergunta a gente discutiu muito como grupo. Mas a partir de uma certa parte da sua pergunta já é uma coisa muito mais pessoal né... Mas, enfim, infelizmente não teve muitas mais pessoas do grupo para poder opinar... Então, a respeito da multidisciplinaridade, sim, a gente vê que isso é extremamente importante. O design, na sua atuação,

por menor que seja, toca em muitos pontos diferentes. Como foi no entrelaços, a gente queria fazer... A gente começou dando oficina, mas a gente lidava com pessoas que podiam estar super emocionadas na hora, entendeu? E não sabia exatamente como lidar com elas, no começo foi muito duro. Então, talvez tendo pessoas da psicologia... Da pedagogia mesmo, considerando que eram oficinas de ensino, né, de como ensinar... E era ensinar uma coisa totalmente diferente do que elas já viram na vida toda. Então a gente sentiu muita falta, usando o entrelaços de exemplo. E acho que, freqüentemente, em outros projetos de design a gente sente essa necessidade. Acho que é extremamente importante o grupo ser multidisciplinar. Principalmente, o colabora, ele é muito... Quando ele pega projeto assim é uma coisa muito abrangente. Pode ser qualquer coisa o projeto. A gente realmente vai, talvez até com uma expectativa, como a gente foi no entrelaços. Mas na hora, lá, muda tudo. Então às vezes pode abarcar coisas que a gente não alcança, que a gente não têm conhecimento de fato sobre como lidar, como fazer. Então, agora, a respeito... Isso é uma coisa muito intrínseca do colabora. Agora, a respeito do papel centralizador e coordenador do design, eu acredito que em muitos momentos isso seja necessário. Às vezes pelo designer conseguir ter uma visão, dependendo de qual for a situação (eu falo de uma maneira muito abstrata), mas dependendo de qual for o projeto, talvez o designer consiga alcançar diferentes... Atuação em diferentes áreas, entender qual é o papel de cada um, e ele consegue até centralizar. Mas eu não acredito que isso seja um padrão para todos os projetos. Dificilmente a gente... Enfim, imaginando projetos envolvidos com a área de saúde, a gente sabe muito pouco sobre isso. A gente aprende muito pouco sobre procedimentos, etcetera e tal. Imagina um projeto desenvolvido com a nutrição ou com a bio, acho complicado o designer ter um papel centralizador nesse tipo de projeto, por exemplo. mas em outros projetos acredito que sim. Talvez projetos que sejam um pouco mais da área técnica, que envolvam talvez arquitetura, engenharia, a gente tem um mínimo de conhecimento pra poder, talvez, gerenciar, dependendo de qual é a relevância da parte de design no projeto. Mas acho complicado dizer que o design sempre tem esse papel.

Bom, a última pergunta acho que já foi respondida antes, então eu queria só... Bom, você falou que já saiu do colabora então talvez seja um pouco difícil para você falar disso, mas eu vi que vocês estão trabalhando agora um projeto com educação...

Sim.

Isso tá numa fase muito, muito...

Embrionária...

Muito embrionária. Mas eu queria que você falasse um pouco sobre isso também...

Então, inclusive, talvez seja um ponto em que... Um caso desses em que o design talvez não seja o centralizador da coisa toda. E a gente, por estar muito habituado a isso, talvez... Não sei. Pode ser por isso, talvez, que a coisa esteja embrionária a tanto tempo. Já faz um ano que a gente está... Se envolveu com a escola na vila Munck, é uma escola na Raposo Tavares. É uma escola... A gente se envolveu muito com o tema de educação, acho que desde os primeiros passos com as mães, e trabalhando com as oficinas e o ensino... Talvez tenha nascido ali a semente, não sei. E aí, mais pra frente a gente começou a se interessar muito pelo tema, a visitar muita palestra, muito workshop, muito livro, muita coisa... O Neumann e o Adriano trouxeram bastante... Bem mais isso pro grupo, eram as fontes dos textos e das palestras e dos vídeos... E a gente... Acho que foi uma comunhão muito grande encima desse tema. A gente abriu pra outros temas, a gente viu que a gente tava muito emburacado pelo tema. E a gente falou “não, vamos abrir, vamos ver se a gente tem outros interesses...” Porque, sei lá, era meia dúzia do grupo que tinha esse interesse muito forte. Mas de repente o grupo inteiro, as outras quarenta, trinta pessoas que estavam envolvidas talvez quisessem outra coisa... Então a gente fez uma, acho que umas três reuniões bem grandes, que tinha cinquenta pessoas. Foi surreal, a gente nunca esperava tanta gente. Pra discutir...

Pessoas de todas as áreas...?

É, tinha bastante aluno da FAU, obviamente, arquitetura e design, mas tinha muita gente de fora. Mas era mais aluno daqui mesmo, porque é assim né: “Reuniões para discutir o novo tema, do novo projeto

do colabora”. Então eram pessoas que já conheciam a gente, que estavam interessados em saber o que a gente ia fazer... E aí foram umas três reuniões, foi levantado todo tipo de tema: trabalho com idoso, trabalho com criança, conscientização da sociedade no sentido de gentileza, educação, como lidar no dia-a-dia... Enfim, coisas muito sérias, coisas bem simples. Mobilidade, etcetera. Foi levantado isso tudo e educação ganhou. Foi o mais votado, foi o mais... Enfim, o pessoal tava mais enérgico e tal. E aí a gente optou, a gente começou a procurar escolas. E aí uma conhecida do projeto, que estava entrando no projeto, a Paula, da arquitetura, ela é filha de uma coordenadora. E como a gente... Ah, sim, e aí a idéia era o projeto ser desenvolvido de preferência em uma escola pública. Municipal ou estadual. Porque a gente imagina que, considerando a rede, a gente conseguiria uma replicabilidade maior. Garantir isso, porque de uma escola muda muito, de uma pra outra. A gente começou a estudar algumas escolas e, enfim, você tem o âncora, você tem a escola da ponte, você tem coisas assim, loucas. Mas considerando escolas municipais e estaduais a gente achou que poderia ter uma chance maior de replicar o projeto em outras escolas. Então por isso a gente optou pela rede pública. Não porque seja mais carente, não é nada disso. Mas era principalmente pela replicabilidade. E aí a gente começou a procurar escolas e pessoas que conhecessem. Porque entrar numa escola pública não é muito fácil, precisa ter certa confiança dos caras e poder trabalhar lá dentro. E aí tendo essa, a Paula, filha de uma das coordenadoras, foi um passo bem grande. A gente chegou a ver outras escolas, visitou, conversou com outras escolas. Algumas deram uma abertura muito boa, outras não muito, mas essa escola em especial, ela é na Raposo, ela tinha só quatro anos quando a gente conheceu...

Qual que é o nome da escola?

Vila Munck.

Munck?

Munck, M-U-N-C-K.

Tá.

E eles eram, é uma escola muito recente, a história da escola é muito bacana porque ali é uma comunidade

muito carente. E eles se mobilizaram e encheram o saco da prefeitura pra criar a escola ali. Porque muitos iam trabalhar, não tinham onde deixar os filhos, e aí tinha que deixar o filho num outro município... E principalmente porque eles moram de um lado da Raposo e a maioria das escolas são do outro lado e um pouco distante. Então as crianças tinham que atravessar sozinhas, e isso era péssimo, os pais não queriam. Tinha muito acidente, ali é perigosíssimo, né. Então eles conseguiram essa escola da prefeitura. E a história é muito bacana. Você vê, a comunidade já tem um apreço pela escola já tem uma relação diferente com a escola, foram eles que lutaram por aquilo...

...Uma identidade...

É, exatamente. E é uma coisa que eles conseguiram, entendeu? Então a gente imaginou que a questão do empoderamento dos caras em relação à escola era bem maior... E a gente achou que isso pode ser um ponto muito positivo.

Talvez bastante diferente do que foi o entrelaços nesse ponto?

Sim.

Já ter uma comunidade forte.

Sim, exatamente. E a gente estudou muito isso, quando a gente falou, começou a estudar educação, a gente viu muito essa coisa do sentimento coletivo, da coisa da comunidade, entendeu? De você se sentir parte daquilo ali... Então isso tudo bateu muito com o perfil da vila Munck. E pra somar, tinha a coisa da filha da coordenadora ser parte do projeto. Então a gente chegou a ver outras escolas, a gente abriu mais uma vez. Mesmo tendo essa menina dos olhos a gente foi em outras escolas, a gente se esforçou bastante... Como eu disse, algumas receberam super bem, a gente ficou meio assim, mas essa era disparado a mais bacana pra trabalhar. E aí foi quando a gente fechou com eles e a gente começou... Mesma coisa, toda semana a gente ia lá pra assistir aula, assistir algumas atividades extras que as crianças tinham... E aí, bom, e no começo do projeto... Vou até onde eu consigo te falar, né, das novidades. No começo do projeto a gente viu que eles tinha aulas extra-classe. Você tem aula de manhã e à tarde você tem uma oficina. E tinha horta, música, não sei o que...

E a princípio a gente pensou em trabalhar com essas atividades, talvez por ter uma certa liberdade... E aí, de repente, trabalhar atividades ali que pudessem ser linkadas à sala de aula. Ir aos poucos entrando na sala de aula. Claro que o sonho de todo mundo é poder transformar o sistema de ensino brasileiro. Mas lógico que a gente não tem... Não é tão simples fazer isso, e você mudar a mentalidade de uma escola é uma coisa louca...

E exatamente a minha pergunta ia ser encima disso... Qual você acha que é a contribuição que o design pode ter dentro desse universo da educação?

Então... Por tudo que a gente estudou e tem visto, a gente tem uma perspectiva muito positiva. A gente acha que o sistema de ensino, engessado do jeito que ele é (e principalmente pautando nisso, e que, enfim, não mudou ao longo de tantos e tantos anos), a gente acredita que o design possa ter uma participação muito importante nisso, nessa coisa da reformulação mesmo, do ensino. De você repensar a educação. De você repensar como se ensina, como se aprende, enfim... A sociedade é totalmente diferente do que décadas atrás e o ensino é basicamente a mesma coisa: um monte de criança sentadinha em frente à professora que está lá na frente falando... E absorvendo informação. Então a gente acha...

Talvez... Vocês discutiram muito essa questão formal da aula?

Sim.

Talvez os alunos todos sentados virados pra frente, a professora sendo...

Aham... A fornecedora... aham...

A única emissora de conteúdo e tal...

Sim.

Isso foi uma discussão grande dentro do colabora?

Sim, sim.

E você acha que o design pode ter uma contribuição nesse aspecto da educação?

Sim. Sim, a gente acredita. Tanto da maneira como dar aula... Eu não sei se talvez pensar como um design de serviço, vai. De como gerir uma escola, como dar aula, como trabalhar... Como que... Enfim, como que a participação do aluno pode mudar... E toda essa coisa... E a gente acredita muito também na... No ensino através de projetos, né... Que é uma coisa que as escolas têm absorvido. De certa maneira, vai, com um monte de limitação, mas a gente acredita muito nisso. No ensino através de projeto. Você poder se sentar, fazer, desenvolver um projeto; e ao longo dele você aprende determinadas... Absorve determinados conhecimentos, você desenvolve determinados conhecimentos pra concluir aquele projeto. Então a gente acredita que esse processo é extremamente rico. Talvez não seja o único meio de se aprender alguma coisa, mas a gente acredita que é um processo muito rico de aprendizado. Como a gente...

Bom, essa última fala sua me levantou dois pontos aqui. Você falou: “a aula como...” não a aula, mas “a educação como design de serviço”. Eu queria saber o que significa isso, tratar a educação como um serviço; e como um serviço capaz de ser abordado pelo design de serviços...

Então, eu falei isso muito no calor do momento (risos)... É que eu não tenho muita opinião sobre isso. Eu to imaginando assim, como que o design atuaria. Você pensa: produto... Gráfico... É uma coisa muito superficial e que talvez não faça muito sentido na reformulação de uma educação. Mas quando você fala de serviço, é uma coisa um pouco mais sistemática: como a coisa é feita e como que é organizada. Então eu falei mais nesse sentido, talvez... Não sei se faça tanto sentido assim. Mas acredito que o design que a gente estuda e o que a gente pretendia, pelo menos, levar pra vila Munck é muito no sentido de reestruturar a coisa... De pensar como que o ensino pode ser dado de maneiras diferentes mesmo. Essa coisa de talvez não ter uma professora só, e uma professora que dita as regras, entendeu? Mas que os alunos participem, que seja uma dinâmica diferente.

E outra é esse ensino através de projetos. Isso é muito forte aqui na FAU, principalmente...

Aham... Sim...

...A gente tem PP e PV do um ao oito. E é uma crença bastante forte aqui que a maneira de se ensinar projeto é projetando. A maneira de se aprender, principalmente, projeto, né... Bom, você tendo experiência como aluna, nesse sentido, de ter recebido essa formação através de projetos, você acha que isso, primeiro, foi adequado para a formação no design? Você acha que isso pode ser repetido em outras áreas?

Sim, é como eu falei né... Eu acho que é um processo muito rico, vale muito... Eu aprendo muito mais assim. Não acho que é a única maneira de se ensinar, não acho que tudo se aprende por meio de projeto... Muitas escolas, inclusive, se não me engano, o âncora trabalha muito assim. A criança chega, ela escolhe o que ela vai fazer no dia, e ela passa o dia correndo atrás dos conhecimentos necessários para concluir aquilo.

Ela escolhe o quê? Como se fosse um desafio?

Qualquer coisa. É. Por exemplo, uma menininha parece que uma vez escolheu fazer a roupa das próprias bonecas. Lógico, né, uma criança, ela vai querer coisas desse tipo. E aí, pra poder chegar lá, ela teve que aprender muita coisa de moda... Matemática, pra fazer os moldes (lógico, muito básico)... Mas assim, imagina todo o conhecimento por trás de um projeto de fazer uma roupa pra boneca. Entendeu? Você precisa saber de material, você precisa costurar, você precisa aprender uma série de coisas pra poder concluir esse desafio, esse projeto. Que pode durar uma semana, pode durar meses, pode durar um dia, dependendo do projeto. Se não me engano é o âncora que funciona dessa maneira. Então a gente vê que é incrível, as crianças desenvolvem o conhecimento, muitas vezes elas criam até maneiras novas de fazer as coisas, e no final elas ainda querem dar oficinas. Você chega lá e tem um mural, assim, com várias oficinas. A criança aprendeu uma coisa, a primeira coisa que ela faz é botar no mural, é criar uma oficina daquilo que ela aprendeu, e ela vai passar para outra criança como fazer aquilo. Então você chega lá e tem mil oficinas: como fazer roupa de boneca, como ser jogador de futebol, muita coisa... É uma coisa muito lúdica, muito além do que o sistema brasileiro de ensino visualiza e trabalha, mas é um jeito interessante de envolver as crianças no aprendizado. É uma coisa bacana porque você não está obrigando ela a receber, a aprender determinados conhecimentos, né? Ela está

correndo atrás daquilo, então, talvez a preocupação daquilo seja maior. Por ela ter corrido atrás e por ela ter desenvolvido aquilo por conta.

Tá legal. Bom, acho que é isso, viu, Camilla. Obrigado de novo por ter disposto um pouco do seu tempo...

Imagina...

...Aqui para me ajudar. A gente poderia entrar em outros assuntos, mais e mais sobre educação... Até gostaria de conversar sobre isso, mas acho que já sai um pouco do que é o meu TCC, então eu prefiro parar por aqui...

Uma pessoa boa para falar sobre isso é o Neumann. O Neumann curte muito, ele estudou muito isso. Ele foi o cara que mais estudou isso no colômbia, isso eu posso dizer com certeza, na época que ele tava. Ele saiu para o intercâmbio quando a gente começou o projeto da educação. Foi aí que ele preparou todas as bases pra gente começar o projeto. Lógico que aí todo mundo pesquisou junto, trabalhou junto, discutiu-se muito... A gente falou com bastante gente bacana da área, que tá trabalhando e repensando isso... E aí ele talvez seja um cara bom pra você conversar sobre isso...

Tá legal, tá. Por enquanto muito obrigado.

Imagina.

Talvez eu volte a falar com você, eu acho que...

É, por favor, porque eu fico... Eu fiquei agora muito mal, cara, porque essa conversa tinha que ser com muita gente do colômbia...

É?

Porque, principalmente por ser eu, entendeu? Podia ser outras pessoas, talvez não tivessem...

Por você ter acabado de sair, ou não...?

Não, não... Por eu ser tão vinculada à coisa do social. Meu TCC é teórico sobre isso...

É, sobre design social também?

É. Eu to trabalhando com isso, eu faço parte de dois projetos de extensão sobre isso, então é uma coisa muito interna minha. Eu tenho muita opinião que, assim, é o que eu acredito, é o que eu quero...

Erica Ribeiro

entrevista realizada no dia 06/10/2014 por volta das 16h40, na cozinha da sede do design possível, com Erica Ribeiro, a respeito de design social e da atuação do design possível.

[...]

Então... Eu conversei com a Camilla do colabora.

Não vou lembrar os nomes das pessoas...

Tem muita gente né... Eles estão também nessa estrutura de projeto de extensão. E eles são muito novos, né, muito frescos ainda...

São.

Eles conseguiram... Acho que faz uns dois anos que eles começaram o primeiro projeto deles, que foi o entrelaços. Que vai bem nessa... Acho que vai bem nesse objetivo de consolidar um grupo produtivo. Mas é que, pelo que ela me falou, eles não tiveram muito sucesso nisso. Porque... Ela considerou legal o trabalho porque, assim, eles pegaram uma associação de distrofia muscular. Que é lá perto da USP. E essa associação... Eles estavam procurando demandas de projeto mesmo... De projetar talvez... Aquele negócio que a gente vê, talheres...

Fazer equipamentos, utensílios...

É, utensílios e tal. E não encontraram essa demanda, porque lá é bem completo em equipamentos...

É que já tem bastante coisa nessa área, já desenvolvida.

Já. É... Então...

(risos)

Bom, vou desligar aqui, tá?

[...]

No começo ficaram um pouco desapontados por não encontrar demanda e tal...

Depois ficaram felizes em ver que tava tudo bem...

... Mas encontraram que... Descobriram que lá, enquanto os — a maioria é crianças e adolescentes, né, os pacientes de distrofia muscular — as mães ficam muito tempo juntas esperando em uma sala de espera que é naquela clínica. E ali eles encontraram essa demanda de fazer... Elas estavam querendo já começar umas oficinas de trabalho, e começaram a trabalhar com elas para produzir umas bolsas. É o projeto entrelaços...

Vi esse projeto... Eles apresentaram no design na brasa... Aqui no design possível a gente teve uma experiência semelhante, que é com o pessoal do papelarte. Que elas são mães de pacientes da APAE Barueri. E é exatamente o mesmo contexto, enquanto os filhos estão fazendo terapia ou tratamento, ou participando de alguma atividade dentro da APAE, elas ficavam esperando e não tinham muito o que fazer. E aí, dentro da própria APAE eles começaram a articular oficinas técnicas para elas se ocuparem e ver se alguma coisa virava outra coisa... E aconteceu: elas tiveram uma oficina de origami, de cartonagem — elas trabalham com papel — e elas montaram um grupo — o design possível participou da formação delas — que é o papelarte, que trabalha com produtos feitos a partir de dobraduras e cartonagem. É bem dentro desse contexto mesmo...

É, então, ela falou que — a Camilla, com quem eu falei, que eu entrevistei — falou que um problema que ela encontrou é que eles chegaram com essa vontade de constituir uma cooperativa, de gerar renda mesmo. Mas elas encontraram talvez uma certa resistência com as mães. Elas não queriam suprir demanda... Não é que não queriam, elas não estavam ali para trabalhar sério, entendeu? Era

mais uma coisa de formação de grupo, ou mesmo o fortalecimento de uma identidade... Ela falou que só a questão do trabalho, de estar se sentindo, talvez, um pouco produtiva... Porque ser mãe de um paciente de distrofia muscular é uma coisa que consome muito tempo. Porque elas estão lá sempre vivendo em função disso. Ela achou que o projeto deu certo mas não por causa da renda; mais por ter constituído talvez uma... Um “astral”, né? Não sei se ela usou essa palavra... Alguma coisa assim...

Ah, legal. Mas é um pouco isso mesmo. Nem todos os grupos vão virar grupos de geração de renda. Até porque, muitas vezes, as mães desses pacientes já têm uma situação financeira estruturada. As meninas do papelarte, todas elas já têm. Tem um marido que trabalha, ou tem uma aposentadoria, uma coisa assim. Então elas gostam de fazer parte do grupo, mas elas não conseguem, também, ter uma dedicação full-time com a produção. Diferente do pano pra manga, que o pessoal precisa da renda; ou o cardume, que o pessoal vive daquela renda. Mas é uma renda complementar, é uma atividade que dá prazer... Que permite que elas conheçam outras pessoas, porque elas não apenas desenvolvem produto...

...Cria uma identidade mesmo, né? Uma...

Sim. Mas elas não apenas desenvolvem produto, mas elas também ministram oficinas — elas gostam de ministrar oficinas — então nisso elas conhecem outras pessoas. É muito mais de se sentir ativa mesmo e produtiva mesmo, do que ter uma geração de renda constante, para conseguir um valor mensal... Então cada grupo tem uma característica diferente. E o desafio, eu acho, do designer que trabalha com esse — dessa maneira mais engajada, vamos dizer assim — é entender isso. Porque, às vezes, na ansiedade de querer que a pessoa tenha uma empresa, um empreendimento, e gere renda, e produza muito, você acaba não enxergando exatamente qual é a motivação daquela pessoa para estar ali. às vezes a motivação é só fazer coisas bonitas e mostrar para as outras pessoas: “olha que legal o que eu fiz”. Então essa sensibilidade às vezes passa reto porque fica nessa ansiedade da produção...

Às vezes chegam com uma expectativa muito maior do que eles realmente precisam, né...

Isso. Exato.

Bom, vamos começar aqui... Aqui é simples, são seis perguntas: as três primeiras seriam mais sobre aquilo que você entende, a sua visão sobre o assunto; e as outras três seriam mais sobre o design possível, o trabalho que vocês fazem aqui.

Tá.

Eu vou tentar manter, talvez, esse tom de conversa...

(risos)

...Que eu acho que é mais produtivo, até, para a pesquisa... E, bom, já te falei um pouco do meu trabalho e eu acho que a gente já pode começar. A primeira pergunta é “você acredita que a prática do design pode operar uma transformação social? De que maneiras isso pode acontecer?”

Essa é uma pergunta que não tem uma resposta muito clara pra mim. Porque, de certa forma, qualquer atividade profissional pode operar uma transformação social, se ela quiser. Eu acho que o design tem o potencial de gerar mudanças e transformações para a sociedade mas eu ainda sinto uma falta de clareza dos profissionais — e da própria formação — para que isso realmente aconteça. Acaba acontecendo muito mais por desejo pessoal — e aí a pessoa vai cavando e patinando — do que por uma conduta profissional mesmo, da área, entendeu? O design pra mim é uma profissão... É um tanto complicada porque ela lida com um saber que está diretamente relacionado a consumo, a produção, a economia... Então eu acho que ela tem uma importância política muito grande, nesse sentido. Que a gente gera objeto de desejo, a gente gera produção material. A gente diz para as pessoas o que é que tá legal e o que não tá legal agora. A gente vem de um histórico de profissão que tinha um ideal social muito forte... Então o início da nossa profissão foi focando numa produção responsável, engajada com as pessoas, de fazer belos produtos para as pessoas se sentirem felizes. Então tinha isso no início do desenvolvimento do design...

Você diz...

Bauhaus, Ulm, né...? Isso se perdeu com a estruturação de mercado, principalmente no pós-guerra. E não se recuperou ainda. O que eu percebo é que existem pessoas que estão interessadas que isso aconteça de verdade. Estão surgindo várias iniciativas menores de pessoas que querem fazer... Não apenas ficar vomitando produtos no mundo mas gerando projetos que tragam bem-estar, que tragam desenvolvimento local e melhor estrutura de vida. E acho que a gente é uma área que tem condição de contribuir com isso. Mas ainda tá um pouco longe disso acontecer.

Você acha então que essa iniciativa de um desenho um pouco mais responsável está aparecendo de uma maneira quase que individual, em núcleos separados e...

Ainda está. A gente ainda não conseguiu aliar adequadamente o discurso da sustentabilidade — ou dessa responsabilidade do profissional — com a produção. Não consegui aliar. Pra mim um caso emblemático é o caso das empresas que desenvolvem embalagens sustentáveis para uma linha de produtos. Pra mim não faz o menor sentido. Se você desenvolveu todo um esforço para conseguir gerar a embalagem que você considerou perfeita para melhorar o consumo, as pessoas terem um consumo mais consciente, e que gere menos impacto ambiental, então toda a sua linha de produtos tinha que usar essa embalagem e não só uma. Então é um esforço tremendo de projeto, de pesquisa, para gerar mais um objeto de desejo para o mercado. Com um viés ecológico. É isso que eu vejo muito acontecer.

O ecológico como ponto de geração...

...É o marketing verde...

...de geração de desejo.

Isso. É o marketing verde. Entendeu?

Você diz que a gente ainda não conseguiu aliar esse desenho responsável com a produção...

...com a prática...

...a nível industrial. Você acredita que isso é possível?

Tecnicamente, sim.

Isso é aliável?

Sim. Tecnicamente sim. Mas aí tem uma questão de vontade política, de ideologia da própria indústria, de entender que a gente... Qual é o papel dessa indústria na sociedade. Uma crítica que eu faço sempre é “para quê fazer mais um modelo de cadeira? A gente tem cadeira pra caramba! Chega! Não precisa mais.” Mas ainda estão desenhando cadeira, ainda estão desenhando cadeira! Tem tanta gente assim pra sentar de tantas maneiras diferentes assim? Então, entender o que é essa produção e esse consumo. Não sei se é nessa economia que a gente vai conseguir ver o design tendo esse engajamento. Talvez seja numa outra, que eu não sei qual é. Mas nessa eu não consigo ver grandes horizontes, porque eu continuo esbarrando com projetos de “a embalagem perfeita para essa linha de produtos, tá? Porque todas as minhas outras linhas de produto vão continuar não usando refil e não usando material reciclável.” Tá, e aí? Entendeu?

Você falou da ideologia da indústria, né... Eu acho... Assim, é difícil falar da ideologia da indústria sem falar da ideologia do lucro, talvez.

Sim, exato...

Que é o motivador da indústria, no nosso mundo. Você acha que é possível uma indústria fora dessa ideologia do lucro?

Eu não faço a menor idéia! (risos) A indústria, ela nasce dentro da lógica da economia capitalista, né. Eu não sei se uma outra economia teria indústrias, nesse sentido de indústria que a gente conhece hoje. Porque tem alguns produtos que são bens de consumo cotidiano. Eu sempre vou precisar de alimentos, então esses alimentos eles vão precisar de embalagens, sei lá. Coisas nesse sentido. Tem outros produtos que não tem porque eles terem um ciclo de reposição de mercado tão grande. Automóvel. Não precisa lançar um modelo de automóvel por ano. Só que não é só um modelo de automóvel por ano; é aquela uma fábrica lança, pelo menos, um novo modelo de automóvel por ano, e a gente sabe que não é só um...

Para cada linha.

Para cada linha! Então, imagina, quantas linhas ela tem? Ah, ela tem cinco linhas, então são cinco modelos novos de automóveis por ano. Que demanda é essa?

Cada montadora.

Entendeu? Por montadora, que demanda é essa? Não faz sentido, porque o automóvel é um bem durável, ele dura bastante tempo. Hoje em dia eles já duram menos (risos), mas eles poderiam durar mais. Então...

Eu fico pensando nos engenheiros que pensaram a obsolescência do carro de uma maneira que não fosse dar problema para a indústria e como eles podiam dizer para eles mesmos que eles estão trabalhando em prol da segurança do usuário... Em vez de fazer o freio falhar, faz, sei lá, a elétrica, que o carro não pega mais. Então: segurança...

É tipo aquele filme lá, aquele documentário da obsolescência programada. Então, chegou ao ponto de você programar para que um produto parasse de funcionar. Você programa o fim da vida dele. É bladerunner, sabe? Você já assistiu bladerunner?

Já.

Então, é o Bladerunner. Não, você só pode viver quatro anos, tá? Depois de quatro anos eu vou te substituir por uma máquina melhor. Tá, mas aquela máquina ainda estava funcionando, você que tá dizendo que ela não funciona mais. A gente tem um exemplo aqui no design possível, daquela epon lá que aparece no obsolescência programada. A gente tem aqui. Então, teve que hackear a impressora, colocar booker na impressora para não precisar comprar uma impressora nova, sendo que essa durou ainda mais cinco anos. Ela só veio a quebrar de verdade — aí quebrou mesmo, não foi culpa da epon (risos) — depois de cinco anos. E hoje eu vejo um fenômeno ainda pior que a obsolescência programada. Porque a obsolescência programada você consegue desmascarar ela tecnicamente. Entendeu? Um especialista vem e diz: “olha, você está sabotando o seu produto”. Que é a obsolescência estética. Pra mim, obsolescência estética é o grande mal que a gente tem na sociedade hoje, com relação à produção industrial. Porque? Porque ela não diz mais pra você que aquele produto parou de funcionar. Ela diz pra você que ele saiu de moda. É isso que ela diz. E aí as pessoas geram

um consumo maior por desejarem ter um produto que está mais dentro do que se coloca como ideal de posse do que ele realmente estaria. Tem também uma outra que é esse mito da renovação da tecnologia. Então: “esse aqui é o celular X, ele tem cinco gigas de memória, não sei quantos de RAM; mas o celular Y tem seis gigas de memória”. E aí você fica naquele mito da tecnologia, da atualização da tecnologia. Eu já preciso da próxima versão desse equipamento ou eu consigo usar esse equipamento que está comigo por mais tempo? Não é que eu não quero que as pessoas tenham mais acesso à tecnologia de ponta, mais armazenamento, não... Mas será que elas têm conhecimento técnico suficiente pra dizer se está na hora de trocar o computador, trocar o celular? Será que ela não conseguiu ficar mais um ano com aquele aparelho? (risos)

Bom, acho que deu pra perceber que... Como eu falei que o trabalho era mais por um viés filosófico, as perguntas são um pouco, talvez, a nível ideológico. Principalmente nessa primeira parte, das perguntas sobre o que você pensa. Então, como a gente tinha falado, a primeira era se o design podia operar uma transformação social, a segunda vinha: “essa transformação é desejável, e é responsabilidade do design ou do designer operá-la? Porque?”

Ok. Bom, desejável eu vou dizer que é. Que acho que é o meu ponto de vista. Mas eu estaria sendo ingênua se eu achasse que todo mundo pensa assim. Não pensa. Então, a gente vive num país em que as pessoas acham que se um determinado partido continuar no governo a gente vai virar Cuba, e você vê isso sendo publicado em redes sociais, para milhões de pessoas; então é um pouco preocupante responder apenas sim para esta pergunta. Eu acho que é desejável, dentro do meu entendimento de melhoria de qualidade de vida na sociedade. Então não posso achar normal que uma profissão fique apenas gerando mais e mais artefatos no mundo sem se preocupar onde esses artefatos vão parar e que impacto ele traz na vida das pessoas. Então acho que é desejável e é responsabilidade dos profissionais sim. Da mesma forma que... É porque é interessante isso. Todo mundo sabe dizer qual é a responsabilidade de um engenheiro civil. Se o prédio cai, a culpa é dele. É um pouco por aí. E as pessoas acham que o designer não tem grandes perigos assim, dentro de sua área. Imagina o designer gráfico então, coitado, que trabalha com pixel, tinta — isso não vai impactar

muitas pessoas. Mas eu não penso que é assim, acho que os produtos falam coisas, transmitem mensagens. As comunicações também, as marcas também. A maneira como você coloca um texto também. Então o designer é totalmente responsável pelo conteúdo, seja material ou imaterial, que ele coloca no mundo. Eu acho que a gente tem que começar a pensar e ser agente dessa mudança. Só que aí passa por uma ideologia mesmo de cada profissional. E isso é em qualquer profissão. Então, da mesma forma que tem médicos que acham que precisam, sim, passar um ano no médicos sem fronteiras, porque é isso que ele vai trazer de contribuição pro mundo, ou “eu quero sim trabalhar no SUS porque é no SUS que eu vou tratar das pessoas que precisam mais da minha profissão”; tem médicos que acham que não.

Seria uma questão de cumprir a função social...

Exato. Então...

...da profissão mesmo.

Da profissão. Então a formação pode contribuir para essa reflexão ou não. Hoje são pouquíssimos cursos de design que você percebe que está tendo uma reflexão mais aprofundada dessa responsabilidade da profissão. Só o juramento da colação de grau não é suficiente. Você vai colar grau, você vai fazer um juramento, você vai ver que o texto é bem bonito; mas ele não reflete uma atuação profissional responsável de fato. A gente não tem um estudo aprofundado do que é o impacto sócio-ambiental do design. A gente não tem um estudo aprofundado, isso durante toda a nossa formação, de quais são os impactos culturais dos artefatos que a gente desenvolve. A gente é quase um espírito de artesão, de artista, numa profissão que está engajada na mídia ou na indústria. É quase isso. Os artistas têm muito mais reflexão da sua obra do que os designers têm reflexão da sua obra. Então eu acho que a gente tem condição sim, tem muita gente pensando já, gente escrevendo livro, de diversas áreas... Mas falta engajamento mesmo, eu acho que falta mais designers engajados em pensar a sua profissão de maneira... O seu impacto na sociedade, como profissional. Acho que falta mais.

Tá. Bom, a segunda parte acho que você não tocou muito: se é responsabilidade do design ou designer fazer essa mudança. Acho que... É, você falou, desculpa...

Sim. Eu acho que é. (risos) Se ele vai conseguir eu não sei, mas acho que é. E não é porque, assim... O que eu vejo como uma grande dificuldade de você conseguir fazer essas mudanças é porque muitas vezes o profissional pensa de uma maneira muito grande. Fala: “ah, eu vou mudar o mundo” — não. O próprio Papanek já falava isso: você tem que fazer a mudança que está ao alcance de sua mão. Então, operar na escala humana. É isso que ele fala...

Local...

Local, na escala humana. Então todo o pensamento da sustentabilidade — quando você fala em pensar de forma sustentável — é mais macro mesmo, é mais sistêmico. Mas quando você vai ver, atuar, tem que estar ao alcance da sua mão; você não vai conseguir dar um passo muito maior do que sua perna. Então o profissional, por exemplo, não precisa abrir uma ONG ou trabalhar com comunidades para fazer um design social. Não precisa. No dia-a-dia do trabalho dele, na agência dele, divulgando os clientes dele, ele já pode fazer. Vai desde escolher uma fotografia que contemple o percentual étnico-racial da nossa sociedade; até não fazer propagandas ou divulgações que coloquem a mulher, por exemplo, em situação de desrespeito ou de desvantagem — que é o que a gente mais tem na publicidade brasileira. Ou de gerar produtos que não causem algum tipo de transtorno físico ou fisiológico nas pessoas. Então é você atuar no seu dia-a-dia mesmo. Então: o que que eu, como designer gráfica, posso fazer para diminuir o meu impacto ambiental como profissional? Eu não vou usar papel couché, ponto. Sabe?

Levando em conta...

São coisas simples...

Levando em conta que aquilo que você vai fazer vai ser reproduzido um milhão de vezes...

Exato. Exatamente. Então vou trabalhar com uma agência de publicidade, fazer um plano de mídia para uma empresa. O quanto de papel eu consigo reduzir desse plano de mídia e ainda assim ela ter impacto de divulgação? Então, é questão técnica. E é da profissão no seu dia-a-dia. Então eu não preciso, sei lá, fazer doação para uma cooperativa de catadores para me

redimir do um milhão de papel couché que eu botei no mundo no ano. Se eu estudar minimamente o que de impacto ambiental, o que de impacto social, o que de impacto cultural a minha profissão tem, eu já estou fazendo uma diferença absurda na minha profissão. Então eu não preciso ser voluntário de uma ONG nos finais de semana para poder me redimir da minha culpa profissional. É o crédito de carbono. Sabe o crédito de carbono?

Sei.

Tá, beleza, to jogando esse monte de tinta de jeans aqui nesse manancial, mas eu to comprando árvore para replantar ali na esquina. Crédito de carbono.

Você usou a palavra redimir...

(risos)

Eu entrei bastante na... Na primeira parte do trabalho eu entrei um pouco na questão das palavras... A Camilla, eu até falei com ela e... É engraçado, porque eu pego algumas palavras às vezes: ela falou a palavra “salvação”. Você está usando a palavra “redimir”, que é redenção, né?

Aham.

Eu queria entender mais como é que funciona isso aí. Você diz que não é trabalhando num final de semana numa ONG como voluntário que você vai se redimir do impacto que você gera como designer na sua profissão diária. Você acha então que reduzindo seus impactos na sua produção diária, é assim que você vai se redimir como profissional designer?

Não se redimir mas fazer a tal da mudança que a gente quer que se faça. Porque...

Porque o que significa redenção? Redimir, nesse caso?

É você tentar diminuir a sua culpa, como profissional. “Tá, eu não faço nenhum esforço para que a minha profissão seja responsável no seu dia-a-dia mas no final de semana eu estou me doando para diminuir um pouco este impacto que eu...” Tá, então tenta diminuir o seu impacto no seu dia-a-dia. Já tem

condições tecnológicas, de produção, conhecimento técnico e teórico suficiente para você saber qual é o melhor caminho para você desenvolver os seus projetos. E bater o pé firme mesmo, é dizer que esse é o padrão da sua profissão. Porque o que adianta você ter um monte de estudos e técnicas e métodos de ciclos de vida de produto, você ter uma série de novos desenvolvimentos em inovação dentro do próprio design... De fazer produtos com base na experiência do usuário, ter o desenvolvimento centrado no consumidor final, então se preocupar com o que as pessoas pensam antes delas receberem aquele produto; só que você só participa disso quando você vai numa palestra sobre design thinking ou quando você vai no final de semana na ONG que você está ajudando. E o seu dia-a-dia de trabalho? Na minha área, né, não sei se você... Você é designer gráfico, de produto, ou é generalista?

Generalista.

Generalista. No design gráfico você tem muito o discurso da área: “ah não, meu cliente não vai aceitar isso; ah não, mas o marketing não vai aprovar”. A gente é sempre refém de alguém que vai aprovar a maneira como a gente atua e a maneira como a gente produz. Isso é comum no design gráfico.

No de produto também.

É, mas... É, o de produto também. É que a minha área eu conheço melhor. Mas no design gráfico tem muito essa coisa de “ah, eu tenho que fazer isso rápido então não dá tempo de eu estudar qual é o melhor aproveitamento do papel, ou uma gráfica que trabalhe com papel certificado ou que use tinta à base de água”, sabe? Então... Ou “se essa imagem é adequada ou não é adequada...” Porque não dá tempo ou meu cliente não vai se preocupar com isso ou o marketing não vai aprovar. Ou “não, é assim mesmo, esse segmento de mercado é assim mesmo”.

É engraçado, porque a gente aprende design de uma maneira totalmente diferente, não é?

Diferente.

A gente pratica outra coisa.

Outra coisa. Exatamente, exatamente.

E você falou dessa metodologia de fazer pesquisa com usuário, entender qual é a melhor maneira. A gente faz muito isso nos projetos da faculdade...

Da faculdade...

Saiu de lá...

Saiu de lá não consegue mais fazer...

...A atuação profissional é outra coisa.

É. Com exceção, claro, daquelas agências que já têm esse viés. Que tem algumas empresas, na maioria das vezes de design mesmo, que já têm esse viés de trabalhar com essa metodologia centrada no usuário e tal. Mas o grosso mesmo, o principal que você vê de atuação profissional, você não consegue. O principal, o grosso, você não consegue. Mas não é só que você não consegue porque aquela empresa não quer. Você também não tenta. E às vezes é trabalho de formiguinha mesmo. Tá, beleza, eu não vou conseguir introduzir uma metodologia completa de design thinking na minha empresa; mas então, toda vez que eu for desenvolver um projeto, eu vou reservar dois dias para eu ir, pessoalmente, fazer uma pesquisa mínima com meu público. Vou pra rua, faço a pesquisa rápida para poder ter uma noção. A gente sabe que tem métodos de design thinking, design de serviços, que você consegue fazer uma pesquisa etnográfica de dois dias. Ela pode não ter aprofundamento, ela pode não ter a abrangência que você gostaria, mas ela te dá uma amostragem mínima para você entender qual é a motivação do seu público em ter isso. Então porque você não tira dois dias do seu projeto, que você tá fazendo naquela agência, pra fazer isso? E assim você ter um retorno melhor de quem é o seu cliente, de quem é o seu público: ele realmente está demandando esse produto que você está desenvolvendo? Eu sinto que o designer, às vezes, sente o medo da frustração do “não necessitamos disso”. Sabe?

Como assim?

Você acha que tem uma demanda de mercado para uma determinada coisa. Aí você faz uma pesquisa de campo e você descobre que não tem. Não tem. Você não precisa gerar um produto novo para suprir aquilo, você só precisa, às vezes, deslocar um produto que já existe para outro lugar. É só isso.

E a prática do design, na verdade, quando entra numa situação dessas, é: você desenvolve esse produto e depois chega o marketing e a propaganda para gerar essa demanda encima do...

Exato, do produto. E não necessariamente é isso que as pessoas querem. Então o designer vive um pouco esse medo do “e se eu fizer uma coisa que ninguém quiser? E se eu for à campo e descobrir que ninguém quer essa coisa que eu estou propondo?” O design de serviços acho que surge, um pouco, para suprir essa lacuna desse desespero. Tá, beleza, então as pessoas não precisam de um produto, mas elas precisam de um serviço. Então você subverte um pouco essa lógica. Às vezes funciona, às vezes não.

Bom, vou tentar chegar um pouco mais naquilo que talvez é a parte mais central no meu trabalho — antes de falar um pouco mais sobre o design possível, que são as três últimas perguntas — que seria essa terceira pergunta aqui... Levando em conta a atuação do design possível — como você falou na formação de grupos produtivos, esse é bem o recorte que eu peguei. Tanto que o colabora trabalha desse jeito, o outro pessoal que eu to entrevistando, que é o revale — não sei se...

Não, esse eu não conheço...

Que também é da FAU, lá — também trabalha mais ou menos desse jeito. Que é identificar uma comunidade, um grupo, e trabalhar nesse sentido de criar um grupo produtivo, de geração de renda — você falou que a parte da renda é uma questão central...

Sim...

A pergunta é isso: Qual é a diferença que se dá nessa comunidade antes e depois dessa atuação? Desse dedinho do design, dessa...

Ah, tá...

O que é aquilo que justifica todo esse trabalho?

Todo esse esforço...

Qual que é a... Aquilo que faz a diferença?

Uma contribuição que eu percebo que o design traz, nesse contexto de geração de renda e tal, é de ser uma profissão que está diretamente envolvida com o mercado. Tá, assumimos que a gente está numa economia capitalista, não é o ideal, não tá sendo cem por cento, tá dando muito trabalho, muito transtorno, mas é ela que está aí. Esses grupos têm essa emergência, ou essa urgência — não sei — essa necessidade, de estar gerando renda. Como que eu vou gerar renda dentro de uma economia de mercado capitalista se eu não entendo como que é a dinâmica desse mercado? Então acho que uma das contribuições principais que o design traz para esses grupos é de mostrar para eles como esse mercado se organiza. Recentemente a gente começou, no design possível, a trazer para os grupos uma prática e um conteúdo que até então a gente não tinha muito envolvimento. Que é entender o que é tendência de mercado. Caramba, né, falando de “tendência de mercado”, se eu acabei de falar que eu quero que esse mercado dê uma pisada no freio, né? Mas é porque a gente percebeu que muitos dos grupos que têm produtos de qualidade (tem produtos que não estão no meio do artesanato tradicional, então não têm esse viés do perfil cultural que o artesanato tradicional traz nos seus produtos), eles não são indústria (então eles não têm escala de produção e tal), então eles estão no meio do caminho que nem é esse artesanato que tem esse valor cultural — que se você entrar aqui depois na loja da casa da vila você vai poder entender um pouco do que eu estou querendo falar — e nem é uma indústria que consegue ter um giro de produção e acertar de primeira num segmento de mercado. E a gente percebeu que alguns grupos tinham um viés de mercado que conseguia dialogar com essa dinâmica desse mercado que está dentro ou da moda ou da decoração ou do acessório. E eles... Tinha época que vendia bem e tinha época de não vendia, tinha época que tinha pedido e tinha época que não tinha pedido. E aí a gente percebeu que vendia melhor quando eles coincidiam com aquilo que estava dentro de uma tendência de mercado naquela época. E aí a gente começou a dar para eles... Ainda não está num nível de formação muito consolidado, mas de compartilhar com eles como que é essa metodologia de pesquisa de mercado com esse olhar para as tendências, e como que eles desenvolvem produtos pensando nesse mercado. Então como muitos dos grupos trabalham com produtos que vão ser revendidos por lojistas — eles não têm lojas próprias... O cardume de mães produz

no campo limpo, e eles não desenvolvem produto para vender numa loja deles, própria, no campo limpo. Na maioria das vezes eles recebem pedido: ou de empresa que quer brinde (mas brinde com esse perfil social e ecológico; normalmente vem esse briefing pra gente), ou de lojas que têm um perfil de produto compatível com o que elas desenvolvem. Então, quando a gente entra nesse viés da loja... Então todos os nossos grupos participam da craft design; o design possível tem uma parceria com a craft. Então a gente percebia que alguns anos na craft alguns grupos recebiam pedidos bons e nos outros anos o mesmo grupo não recebia pedido nenhum. E estavam um pouco dentro dessa dinâmica de que “aquela estética de produto está em alta ou está em baixa”, “aquelas cores estão em alta ou em baixa”, né, “aqueles modelos estão em alta ou estão em baixa”, né...

Aquele negócio bem “casa cor”, assim...

Exato. E que é um pouco da... É um pouco da lógica de mercado que a gente está vivendo hoje. Não é só...

É o que, na sociedade em geral, se entende por design...

Exato. Que é design, mas é essa moda aí. Inserida. Então são coisas mesmo muito simples. O próprio cardume, por exemplo, a gente quando fez o primeiro experimento desse conteúdo de tendências, uma das integrantes do design possível, que hoje está morando em Nova Iorque, ela trabalha um pouco essa parte de pesquisa de tendências, ela foi e desenvolveu um material focado para os nossos grupos. “E aí, manda aí pros grupos e vê o que dá”. Aí o cardume desenvolveu uma linha de produtos toda nova dentro da tendência daquela época. Que era cores neutras misturado com frisos super coloridos. Tipo daquele verde ali, sabe? [apontando para um objeto de cor verde-limão numa estante] Então, um negócio bem escandaloso, assim. E aí elas tiveram pedido. Foram super elogiadas na feira; todo mundo que chegava no estande elogiava bastante. Conseguiram pedido. Então foi o primeiro ano em que elas fizeram uma linha de produto totalmente focada num material com pesquisa de tendência...

Você acha que isso não vai um pouco na... Talvez até sem a intenção, mas não entra um pouco naquela armadilha de estar produzindo e validando aquela

ideia de “grife do social”, quer dizer, “o que está em moda agora é aqueles produtos produzidos...

Não, porque não é a gente que dita isso. Não é a gente que dita isso...

Tá, mas trabalhando dentro dessa lógica você não acha que está correndo o risco de estar validando esse tipo de...?

Não, não. Não porque muitos dos grupos que a gente trabalha têm uma linguagem de produto que foge a essa estética do produto social que as pessoas já estão acostumadas. Então, por exemplo, o pano pra manga que trabalha com costura industrial. É camiseta, é uniforme. Você só sabe que é um grupo produtivo que faz quando você vê a etiqueta. O cardume pode entrar um pouco na linguagem dos produtos “eco”. Vem com o selinho “eco”...

Que seria aquele negócio trançado de...

Não, eles trabalham com reaproveitamento de banner. Então, se a pessoa olha para o material e identifica que aquilo é banner, na mesma hora pode puxar uma memória de “opa, isso daqui é sustentável”. Sabe? Porque? Porque é reaproveitamento de banner. Mas se a pessoa não identifica que é reaproveitamento, ela entende como um objeto semi-industrial...

Aquilo se segura pelas próprias pernas esteticamente...

É. É, porque não tem cara de reaproveitado. Porque? Porque elas têm um acabamento bom, porque elas agora estão trabalhando com o banner do avesso. Isso aqui é produto do cardume. Isso aqui é uma das primeiras linhas que elas fizeram. Então aqui ainda tem uma linguagem muito do “eco”...

Ah, isso é aquilo para deixar na mesa e colocar encima a panela...?

Isso. Porque, porque aqui é o banner mesmo, então você vê que é um banner reaproveitado. Aqui é pneu...

Isso é banner...

De publicidade mesmo... É...

E essa borracha aqui é o que?

É de reaproveitamento de pneu. Isso aqui de mangueira.

A mangueira, é...

Então esses daqui ainda estão numa linha que você bate o olho e vê: “ah, isso aqui é reaproveitamento”. Quem entende um pouco mais dessa parte de produção. Que tem um público que consegue passar despercebido... Mas a maioria das pessoas identifica. A linha mais recente do cardume, elas usam o verso do banner. Aqui não tem nenhum...

Que é uma lona mesmo, não é?

Que é uma lona neutra. Então... Essa aqui é a linha antiga, então ainda era a frente do banner. Mas elas usam o verso do banner, que é uma lona neutra. E aí, misturando com o viés de indústria, misturando com outros tecidos... Deixa eu ver se tem aqui... Ali fora tem a bicicleta do Ivo, depois eu te mostro.

Ah, aqueles alforjes ali, eu vi quando cheguei...

O alforje...

É de lona também?

Ali é lona, na parte cinza é lona. Ele é todo de lona, estruturado em lona, até para ficar impermeável e mais resistente... E tem uma forração com algodão cru. Então isso já começa a tirar o produto duma estética dessa daqui, que é uma estética bem do reaproveitado, e joga ele num nível mais...

Quase como se fosse um upcycling...

...Mais... É, mais afastado. Então se eu quiser comprar a lona da indústria e fazer o produto, ela vai ter a mesma linguagem se eu pegar a lona reaproveitada e fizer o produto. Entendeu? Aqui não, aqui eu dependia da lona reaproveitada. Essa questão da estética do social, da estética do “eco”...

A grife do social...

É, a grife social e tal, ela é uma discussão interessante. Porque até que ponto é legítimo você

fazer isso, né? Ter essa separação e, ao mesmo tempo, rotular os grupos — “ah, então o pano pra manga não é social porque eles fazem costura industrial; porque não tem essa estética” — e também até que ponto você não está criando mais um vício de mercado, mais um... Será que é isso que importa nesse produto? E uma outra questão que está cada vez mais forte, na minha visão, é: porque grupo produtivo? A gente está percebendo com o pessoal da rede de saúde mental que a prestação de serviço, às vezes, é mais interessante para eles do que ser produção. Então eles estão testando com o pessoal da rede de alimentação, tá tendo uns resultados interessantes. Então ao invés de você ter uma oficina que faça um produto, você monta um buffet e as pessoas trabalham com comida, com gastronomia e tal. E tem uns cases interessantes da rede de saúde mental. E eles estão testando agora prestação de serviço de jardinagem. Então será que é só grupo produtivo? A depender do grupo, ele tem um perfil de serviço, e não um perfil de produção.

Tá, então eu vou voltar um pouco na pergunta porque, como eu disse, realmente é a parte central. Deixa eu ver como eu vou formular aqui... Você falou em metodologia, não é?

Aham.

Você acha que talvez isso é aquilo que dá a diferença entre... Depois dessa intervenção, você acha que aquele grupo consegue ter uma ideia melhor de metodologia? Não só de produção e de projeto, mas também da parte de organização, da estrutura organizacional, até da questão burocrática talvez?

Sim, eu acho que a metodologia ajuda. De você ensinar a pessoa o processo e como que aquilo funciona traz mais efeito do que você só trazer o negócio pronto. Então no design possível, por exemplo, a gente dificilmente vai chegar para um grupo e vai dizer assim: “olha, vocês já estão em sete pessoas, não é? Então beleza, vocês vão montar uma cooperativa”. Provavelmente a gente vai chegar para o grupo, muito provavelmente convidando a nossa acessoria jurídica (que é quem ajuda a gente a entender um pouco essa questão de legislação), e vai chegar, vai fazer uma reunião com o grupo e vai falar: “olha, gente, tem esses vários modelos de organização aqui. Você pode ser informal, e aí você está na ilegalidade. Você pode

ser MEI, e aí acontece isso, isso, e isso; custa tanto; mas ajuda vocês nesse ponto e atrapalha nesse... Você pode ser micro-empresa, tem isso, isso e isso; custa tanto; ajuda nesse ponto e atrapalha nesse... Pode ser cooperativa, pode ser associação sem fins lucrativos, pode ser indústria...” Então a gente vai mostrar pro grupo as opções, explicar o que quer dizer cada uma delas, e principalmente falar em custo: “olha, o ideal seria ser micro-empresa, mas custa tanto manter uma micro-empresa. Vocês tem, já, condições de manter uma micro-empresa? — Temos. — Então, querem? — Não, não temos, então vamos no que for mais barato, qual que é?”. Então, dessa maneira você... Primeiro que você ajuda nessa aquisição de conteúdo que muitas vezes você não vai ter no seu dia-a-dia. Então, a não ser que você faça um curso de administração, a não ser que você faça um curso técnico de sei-lá-o-quê, você pode vir a ver esses assuntos, só que você tem que ficar fuçando documentação jurídica; você pode entender como aquilo funciona...

É esse conhecimento específico então, talvez?

Exato.

Porque, inclusive apareceu... Eu nem tinha chegado com essa questão, mas apareceu na entrevista com a Camilla, do colabora. Ela falou: “A questão não é o assistencialismo”: ela contrastou essa questão do assistencialismo (que é um assunto que pega muito hoje também, até em outras esferas) com a ideia, até do Bonsiepe, de gerar autonomia.

Sim.

Essa questão da autonomia talvez seja a questão central no meu trabalho. Ainda mais central do que o que eu estava tentando falar até agora. Porque gera, aparentemente, um paradoxo, nesse tipo de atuação que a gente está conversando. Como é que pode existir “geração de autonomia”, por outras pessoas?

Sim.

Como é que você pode chegar e dizer “olha, depois que a gente foi lá e fez o nosso trabalho, eles agora são autônomos. Graças ao nosso trabalho”...?

Ah, sim...

Isso talvez é a pergunta central que é, talvez, a motivação de todo esse TCC. Então, se você puder falar um pouco sobre essa questão, o que você acha a respeito disso...

Aham. É, a construção da autonomia é super delicada. Porque não tem uma receita de bolo. Não vou conseguir chegar e falar assim: “olha, faz isso que você vai conseguir ser autônomo”. É uma construção. E é uma construção junto com cada grupo. Alguns grupos conseguem isso mais rápido, outros conseguem mais devagar. Outros talvez não consigam. Essa é uma discussão que a gente têm bastante na rede de saúde mental. Porque até que ponto aquelas pessoas que estão ali, que vivem aqueles transtornos psíquicos, vão conseguir ser autônomas? O que é a autonomia para elas? Então, até o conceito de autonomia pode mudar a depender de com quem você está lidando. Mas o que eu percebi nesse trabalho que a gente vem fazendo é que você... Primeiro, o mote do projeto arrastão, que para mim é o princípio de tudo, que é ensinar a pescar, não dar o peixe. A gente aprendeu isso lá com nosso padrinho e madrinha, o projeto arrastão. Que não é blá-blá-blá, é realidade. Se você ensina a pessoa... Ou melhor, se você colabora com uma troca de conhecimentos, isso é muito importante, essa troca de conhecimentos. Porque se você acredita que o designer só vai ensinar, não é verdade. Não é? Então quando você tem trânsito de informação, troca de conhecimento, você gera, você possibilita uma maior autonomia dos dois lados. Então é você mostrar mesmo como é que o negócio funciona, sabe? É ensinar, mostrar os processos, construir processos novos em conjunto, também. Porque não quer dizer que funcionou para mim que vai funcionar para aquele grupo, ou se funcionou para um grupo vai funcionar para o outro. Então até essas metodologias, esses procedimentos, essas organizações internas, elas são adaptadas, elas são construídas. E em conjunto, porque se não... É aquilo que eu te falei, se eu fizer o desenho incrível do designer e entregar para um grupo, ele não vai se apropriar daquilo. Então quando a pessoa constrói junto, ela tem mais chances de se apropriar e até de modificar com o tempo. Porque ela se sente confortável dentro daquele processo para criar um processo novo a partir do processo antigo. E é aí que você começa a enxergar que está havendo uma autonomia de fato. Porque também não adianta

você acreditar que o grupo está autônomo se toda vez que ele precisar se reorganizar ele bater na sua porta e te perguntar: “e aí, como eu faço agora? estou precisando me organizar aqui, e tal”. Então, quando ele começa a não depender tanto desse seu conhecimento específico é que ele já está entrando no processo de autonomia mais completa, vamos dizer assim. E vai variar de grupo para grupo. Então eu acho que apresentar os processos, construir as estruturas de organização conjuntamente, apresentar o que tem de conteúdo (seja ele teórico ou prático) e experimentar junto com o grupo esses conhecimentos. Então é num nível até mais profundo do que a aula, meramente, não é? Aquela aula expositiva. Ela é construtiva. E isso requer tempo, requer desprendimento, requer empenho, muitas vezes, sensibilidade para entender o que está funcionando e o que não está... E ter ouvidos para ouvir. Conseguir, também, ouvir o grupo e entender o que está dando certo e o que não está, o que eles querem, o que não querem. E aí essa autonomia é construída. Envolve muito uma questão de auto-estima, então... Muitos dos grupos têm um trabalho... Durante o trabalho eles vão construindo, eles vão tendo uma elevação de auto-estima porque se sentem mais capazes de fazer alguma coisa, porque participaram de uma feira que fez ele “caramba, o pessoal gostou do meu trabalho...” Então tem uma questão, também, de trabalhar essa auto-estima para que as pessoas se sintam inseridas, mesmo, naquele contexto e naquela discussão. Então é interessante porque, se no início um grupo é muito tímido — por exemplo, aqui no design possível a gente têm muitas ações que são com universidades. Então é uma palestra, ou é oficina prática na recepção solidária, no trote, essas coisas... A gente convida os grupos para participar. E a primeira palestra de um grupo é uma tortura. “Não, não vou subir no palco. Não, eu não posso ir para a faculdade... Eu vou falar para universitário? Não, não posso falar para universitário. Eu não tenho o que falar para essas pessoas...” Porque tem toda uma questão de “eu não pertencço àquele lugar, aquele lugar está muito distante de mim, está num nível acima do meu”. E aí, quando você consegue quebrar essas distâncias você já tem grupo indo fazer palestra sozinho na universidade. Você já tem grupo indo fazer oficinas dentro de indústrias. Porque ele já conseguiu se nivelar nesses ambientes, ele já não se sente abaixo desses ambientes. Ele já se sente num mesmo patamar.

Eu vou fazer a você a mesma pergunta que eu fiz à Camilla porque também apareceu a questão da auto-estima. E você acha que... Bom, já falei, a gente já falou sobre renda. Você acha que o mais importante nesses processos é a questão da auto-estima ou da renda? E como que eles estão relacionados? Você acha que a geração de uma renda tem o efeito de...

Ah, isso é interdependente. A elevação da auto-estima favorece um melhor desempenho para a geração de renda; e um melhor desempenho na geração de renda favorece o aumento da auto-estima. Eles são interdependentes. Então quando você vende seu primeiro lote de produtos, ou quando você tem o seu primeiro pedido acima de cem unidades, isso já dá um “caramba”, não é? Ou quando você vende uma primeira linha para a Tok & Stok, por exemplo, não é? É que tem ícones de mercado. Então: “caramba, eu produzi uma linha para a Tok & Stok. Caramba, eu produzi...” — mesmo que depois você pare de produzir para a Tok & Stok e isso não tenha muita importância para você... Mas quando você consegue acessar certos nomes, certos lugares, isso demonstra que você cresceu. Então eu acho que auto-estima e renda, geração de renda, são interdependentes. Uma puxa a outra. Pode ser que uma suba primeiro e depois a outra venha em seguida, sabe? Mas elas são interdependentes.

Quando eu falei da geração de autonomia você usou “construção de autonomia”. Parece que, de uma maneira, com bastante cuidado. E eu falei “geração de autonomia” porque é realmente a maneira como o Bonsiepe fala — você conhece o Bonsiepe, não é? É um dos nomes centrais do design, hoje em dia, no Brasil. Bom, eu percebi essa diferença entre geração e construção, e entendi que faz muito sentido com aquilo que você disse. Você quer falar um pouco mais sobre isso, sobre a diferença entre geração e construção; no caso, geração ou construção de autonomia? Se não quiser falar também... (risos)

É que eu acho que... É só que eu acho que não tem como eu gerar autonomia em alguém se essa pessoa não participar desse processo. Então, como que eu vou... Eu, profissional de design, estou fazendo uma ação num grupo e vou “gerar autonomia” desse grupo? Como? Sabe, autonomia requer você ser pró-ativo, requer você entender daquilo que você está fazendo, requer você

conseguir estabelecer diálogo com as pessoas. Qualquer pessoa — desde um fornecedor a um cliente, a um parceiro, ao público consumidor... Então eu acho que a autonomia é construída mesmo. E você ajuda nesse processo, e ajuda de uma maneira muito... Sem nem saber muito bem se você está realmente conseguindo ajudar, não é? Porque...

A autonomia é construída: quer dizer que ela não existia a priori?

Não, exato. Ou então ela já existe, na real. Tem alguns grupos que já são muito engajados, eles já são muito participativos, eles já fazem parte de movimento social e têm uma necessidade mais técnica. Mais de apuramento de técnica, de inserção de mercado, do que de se sentirem autônomos de verdade. E já tem outros grupos que não. Então, essa é a questão que eu te falei da rede de saúde mental. Que é o extremo oposto, por exemplo, do trabalho que a gente tem, por exemplo, com os guaranis, lá em Santa Catarina. E a gente teve uma conversa recente com uma liderança guarani aqui de São Paulo. Porque? Porque os guaranis são muito politizados... Super politizados, eles estão dentro de instâncias de governo lutando pela causa deles, eles já têm uma produção artesanal importante; eles só têm, talvez, uma dificuldade de trânsito nessa sociedade capitalista ocidental branca que a gente vive no Brasil atualmente. Então é muito mais uma questão cultural, de fazer esse nivelamento cultural e conseguir entrar nos meios para conseguir ou vender o seu produto ou ter a sua voz ouvida, do que de autonomia. Porque se eu falar que os guaranis não têm autonomia eu estou mentindo. Então depende do grupo e da situação. Então, enquanto um grupo que eu tenho quinze pessoas, oitenta por cento delas com esquizofrenia, vinte por cento delas com depressão ou deficiência intelectual... Falar de autonomia dessas pessoas... E um grupo étnico que é extremamente politizado, mas que tem alguma dificuldade de penetração de mercado, ou que é mesmo excluído, mesmo, da sociedade e fica batendo com a cara na porta... Tentando e tentando e batendo com a cara na porta porque não consegue entrar nessa sociedade e ser visto como cidadão. Porque eu ainda ouço comentários do tipo “nossa, mas esses índios, até que eles não são mais tão índios assim, eles até usam celular”. (risos) Sabe? Então é diferente... por isso que eu falei que autonomia é construída. Que ela

vai ter sentidos diferentes de grupo para grupo, de pessoas para pessoas; e vão estar em estágios diferentes, algumas talvez conquistem uma autonomia que para elas é autonomia e que para a gente não é.

Aham. Bom, faz sentido, né?

(Risos).

Eu vou... Eu risquei aqui as três últimas perguntas, sobre o design possível. Eu não vou mais fazer porque, enfim, a gente conversou bastante sobre isso e acho que está suficiente... Só uma coisa, só um ponto que eu queria retomar aqui, que está dentro dessas perguntas... Você falou até dos guaranis, e acho que é talvez um exemplo-limite, não é?

Sim.

Nessa pergunta... Porque a pergunta era como acontece esse contato entre vocês e essa comunidade que vocês vão trabalhar. Se geralmente é eles que te contatam ou o contrário, vocês que procuram.

Não, no caso do design possível, especificamente, acontece muito de ter um mediador, que muitas vezes é uma entidade que já trabalha mais diretamente com aquela comunidade em outros tipos de trabalho. Então, por exemplo, os guaranis lá em Santa Catarina foi via uma secretária que trabalha identidade cultural e minorias étnicas. E uma das pessoas que trabalhavam dentro da secretária era amiga da coordenadora do design possível em Santa Catarina, e num evento social bem aleatório comentou com ela: “nossa, eu estou começando agora um projeto com as comunidades do morro dos cavalos e estou precisando de alguém para me ajudar na parte de venda de produtos de artesanato... Você não é designer de produtos?” (risos) Começa assim. Às vezes é uma conversa bem informal. Aqui em São Paulo foi via uma ex-possível, não é... Uma ex-integrante do design possível, a Verônica, que, também num evento social, a irmã dela conhecia essa liderança guarani estava num evento cultural aleatório... Aí eles começaram a conversar, e ele falou “ah, estou querendo fazer um projeto assim, assado, não sei o que, não sei o que lá...” — e ela — “ah, minha irmã é designer, acho que ela pode te ajudar” — e aí a Verônica falou — “Não, você tem que ir no design possível, eles trabalham com isso!”, e a gente fez uma reunião aqui. Então muitas vezes...

Uma questão quase accidental...

É. Muitas vezes os contatos são acidentais mesmo. É numa vernissage, é num evento cultural; é às vezes num jantar na casa de um fulano que tinha um ciclano que estava procurando alguém para fazer isso. Isso acontece. Então, no design possível a gente tem muita queda de pára-quadras aqui dentro, sabe? Cai umas coisas assim que... E tem algumas oportunidades que a gente busca — “ah, a gente gostaria de ver um projeto em Guarulhos para poder dar continuidade ao projeto do pano pra manga” — e aí — “ah, será que não tem alguém lá em Guarulhos que pode ajudar a gente? Ah, tem a fulana do projeto tal...” — aí entra em contato, pergunta, cavuca e encontra alguma coisa. Dificilmente é direto com a comunidade, a não ser em casos que aquela comunidade já está engajada em projetos e acaba encontrando a gente... Mas a gente não costuma fazer muito esse projeto de... Essa captação direta. Diferente do teto, por exemplo, não é? Não sei se você já, se você conhece essa...

O “teto para meu país”?

Isso. No teto eles fazem a captação direta. Eles olham, dá uma investigação breve do que que tem naquela localidade, entram em contato com as lideranças da comunidade, fazem o diagnóstico dentro da comunidade, atuam dentro da comunidade. O teto é bem mais direto. Mas também ele tem uma ação mais invasiva, assim, na comunidade: ele entra mesmo na comunidade, não é? O design possível acaba que ele vai, ele seria um... por exemplo, pensando um pouco no trabalho que o teto faz, o design possível faria uma parceria bacana com o teto depois. Na parte de formação da comunidade; que eles têm uma série de ações depois que constroem as casas, não é? Então muda um pouquinho a dinâmica. Mas vem de tudo quanto é jeito...

Bom, legal. Eu acho que é isso, viu? Eu só queria pedir para você... Porque eu esqueci: eu ia pedir para você fazer uma apresentação de você e do que você faz aqui no design possível, e um pouco do design possível também; mas eu queria fazer isso antes de começar as perguntas... mas agora, como eu esqueci, você pode fazer, por favor?

(risos) Posso sim.

Porque se eu for colocar na entrevista eu tenho que...

É, até para você lembrar, não é?

É, para ter uma apresentação... Saber como você quer ser apresentada no trabalho e tal, para não ter...

Ah, tá... Tá. Meu nome é Erica; meu nome completo é Erica Ribeiro de Andrade. Erica com “c” e sem acento! (risos)

Tá, já escrevi errado aqui...

Eu sou uma proparoxítone não acentuada... Bem, eu sou formada em design gráfico pela Universidade Federal da Bahia. Sou soteropolitana. Tenho uma especialização em arte-educação nessa mesma faculdade e fiz o mestrado em gestão de design em Santa Catarina, na Universidade federal de Santa Catarina. Essa seria a minha formação básica. Eu estou no design possível, em São Paulo, desde 2012; então tem já dois anos e pouquinho, quase quatro... Opa, quase três. Particpei da montagem, da fundação do design possível em Santa Catarina... Estou em contato com o design possível acho que desde 2008, na verdade. Foi quando eu conheci o projeto, já tinha uma conversa com o pessoal aqui... A gente tentou fazer uns projetos lá em Salvador também. O que mais que eu posso falar? O que mais te ajuda, de informação? De identificação? (risos)

Não... (risos) Eu não acho que é identificação nesse sentido, é mais uma apresentaçãozinha mesmo...

É, se alguma coisa mais ajuda em identificação pode perguntar que eu falo...

Tá... Bom, não sei se eu vou esperar o Ivo, ele entrou em contato, alguma coisa?

Ele acabou de chegar... (risos)

Ah, ele acabou de chegar? Eu vou conversar com ele então, tentar fazer rápido porque, também...

Você quer que eu peça para ele vir aqui, falar com você...? Porque lá ele vai estar naquela sala do eco...

Ah, eu converso lá com ele... De qualquer maneira, obrigado; muito obrigado por gastar todo esse tempo; já faz quase duas horas que a gente está aqui, então...

Ah, tranquilo. Eu falo muito, então se não me der freio, nossa... É uma tristeza...

Não, é o que eu queria mesmo...

Bacana, que bom. Bem legal sua pesquisa... Depois que você publicar e tal, terminar o TCC, se quiser mandar pra gente pode mandar...

Com certeza eu mando.

A gente ajuda a divulgar o texto, também... Que é importante contribuir na difusão desses... Das pesquisas em design mesmo... É legal que tem muita pesquisa, muito trabalho bom, tanto em nível de graduação como pós-graduação, tem aparecido uns projetos muito bacanas assim. E aqui no design possível vira e mexe vem um pessoal procurando... Pra poder conhecer. Pesquisa teórica acaba sendo menos, na graduação, não é?

É, um pouco negligenciada, né?

É... É, eu sou um pouco frustrada, nesse sentido, porque eu quis fazer meu TCC teórico e não pude... Aí eu fiz ele meio teórico, não é? tive que desenvolver um produto como resultado final mas...

Outra coisa que eu queria pedir é... Bom, já vou desligar aqui...

[...]

Ivo Pons

Entrevista realizada no dia 06/10/2014, por volta das 17h50, na cozinha da sede do design possível, com Ivo Pons, a respeito de design social.

[...]

... Está ligado aqui já... Porque eu tinha separado em duas partes. Eram três perguntas sobre o que você pensa sobre design social, o que tem usado esse nome e tal. E a segunda parte seria mais sobre o design possível, sobre os projetos em que vocês trabalham. Então eu vou tentar focar mais na primeira parte, até porque esta outra...

... A Erica já...

... Já atendeu bem. Bom, como eu falei meu trabalho é um trabalho teórico, é uma revisão crítica que começou... Lá na FAU é TCC1 e TCC2; o TCC1 começou com uma revisão bibliográfica, peguei alguns autores e articulei como... Mais ou menos como se fosse uma genealogia do que se tem falado sobre design social. E agora eu parti para entrevistar algumas pessoas. Além de vocês aqui no design possível eu peguei dois projetos que saíram ali da FAU mesmo. Que é o colabora, não sei se você conhece...

Uhuh, conheço.

E o revale, que foi de 2010 eu acho...

Eu conheci também, que era com pallet, né?

Era com madeira de pallet. Uma cooperativa em Barueri, acho...

Barueri, isso. Perto de Osasco. Não, de Osasco não, perto do exército lá em Barueri, estive lá.

É, eu não conheço muito Barueri não... Bom, e vocês são os últimos que eu to entrevistando...

Então já está acabando...

É. Então preciso depois transcrever tudo e...

Catalisar isso aí né...

... E articular e tal... Então, como eu estava falando com a Erica, Vai ficar um pouco mais umas perguntas talvez um pouco mais sobre ideologia, sobre um viés filosófico. Porque essa a segunda parte que seria, talvez, mais prática, eu acho que já esgotei com ela o assunto, então... Mas eu queria ainda ter sua opinião sobre isso.

Tá. Desculpa o atraso viu, também...

Ah, não, tudo bem. Eu aproveitei aqui e já vou tirar duas entrevistas de uma vez só... A primeira pergunta é: Você acredita que a prática do design pode operar uma transformação social? De que maneiras isso pode acontecer? Então, essas perguntas são mais para iniciar uma conversa, depois a gente...

Eu sei, só uma reflexão, é. Eu acho que sim, de uma maneira geral toda prática deveria suscitar uma reflexão e uma transformação social. Apesar disso nem sempre acontecer. No caso do design, eu acho que a gente tem uma... A gente sofre de alguns ranços de formação e da própria cultura do design brasileiro, eu sinto que a gente ainda está se encontrando, um pouco. O que que é, qual é nosso papel na sociedade, sabe? Por períodos, ora a gente é mais comercial, às vezes mais engajado... Às vezes as pessoas tentam ser mais políticas, às vezes mais articuladoras. Então tem uma espécie de massa em constituição, e eu acho que como não tem tempo suficiente... Não sei se é o tempo, mas não tem amadurecimento suficiente; Ainda é meio amorfa, meio gelatinoso esse campo do design. Mas eu acredito que sim, que...

Você diz o design ser novo como profissão, ou essa ideia...

...Acho que uma coisa acaba levando à outra. Como profissão ele não é tão novo, tem profissões mais novas que já são mais engajadas. Mas acho que ele é uma profissão pouco consolidada, no sentido de que passa por mudanças constantes e rompe paradigmas, então ele não... Se você for comparar com outras profissões, ele está menos preso dentro da caixa, ele é forçado a se articular com outros atores. E aí, talvez por isso, ele tenha uma rigidez que leva a não ter um campo tão

específico — e aí talvez eu esteja olhando um pouco da nossa ótica aqui, né — leva a não ter um campo tão específico, e leva por conseguinte a ser essa coisa um pouco mais amorfa. Eu digo isso porque talvez o que a gente faz aqui — a minha visão é um pouco influenciada pelo que a gente faz aqui, não é, talvez, o design mais tradicional. Ir pesquisar num escritório, talvez num escritório tradicional, traga uma outra perspectiva do que é — mas aqui, a impressão que eu tenho é que a gente tem um desejo de fronteira. Sempre estar à margem daquilo que é o pensamento em design. E algumas vezes ultrapassando isso e ouvindo até dos nossos pares ou dos nossos colegas que isso não é design. Sabe, sempre tentando encontrar qual é o limite. E aí, uma das maneiras que a gente vem encontrando, eu acho, o limite ao longo do tempo é justamente cruzando a nossa área de expertise com outras profissões. Entender onde termina o papel de um designer, onde começa o papel de um administrador; onde termina o papel do designer e onde começa o papel de um educador... Quando o designer é administrador, quando o designer é educador, e assim por diante em todas as áreas de atuação. A gente acaba, sei lá, transgredindo um pouco aquilo que a gente recebe normalmente, ou aquilo que a gente tem como formação mais tradicional, o que a gente trás como bagagem de design. E até por isso a gente tem uma visão do poder de transformação do design muito maior. Tanto interna, eu acho, tanto da gente mesmo, quanto das áreas, das pessoas que a gente toca, daquilo que a gente é capaz de fazer. Seja uma grande empresa, uma multinacional ou uma empresa que tem contato com a gente a mais tempo; seja um grupo que começa a atuar, um grupo produtivo na periferia onde a gente começa a atuar de maneira mais pontual. Então eu acho que o fato da gente ter um engajamento e um modelo de pensamento um pouco mais “fora da caixa” — pelo menos é uma maneira que eu tenho pra definir isso, menos canônico assim — faz com que a gente, eu acho, que também cutuque mais as pessoas. E aí eu acho que isso aí acaba sendo uma coisa ainda mais potente, ainda mais transformadora. Não acredito que, se a gente for olhar para o design de uma maneira geral, ele seja sempre assim. Acho que uma boa parte dos escritórios, ou mesmo das empresas, elas são menos transformadoras. Principalmente das pessoas. Elas podem transformar cenários, talvez elas possam transformar realidades pontuais da vida das empresas ou das indústrias. Mas elas não têm uma coisa

que eu acho que a gente tem um desejo mais forte, que é de mudar a vida das pessoas, e mudar as pessoas. A gente entende que, não importa se a gente trabalha com uma empresa ou se a gente trabalha com uma ONG, esse processo só é sólido se a gente consegue impactar os indivíduos que fazem parte desse processo. E aí a gente tem uma continuidade, um trabalho mais profícuo, assim, de resultado. Se a gente fica, por outro lado, entregando coisas prontas, a gente causa um impacto pontual mas que não transforma de fato, não muda a realidade. E a gente aprendeu isso também da pior maneira, fazendo várias besteiras. Seguindo metodologias mais tradicionais e não trabalhando de maneira tão integrada com as pessoas, eu acho. Não sei se era...

Bom, é até uma coisa que a Erica falou e eu achei muito interessante. Ela falou que vocês não chegam com um projeto e dão na mão deles e falam: “bora produzir”. Não. É quase que um treinamento em projeto, um treinamento para eles também poderem desenvolver os próprios... É isso?

Isso. Apropriar as pessoas desse processo. Que no fim tem um tanto de paradigmas, de impossível. Que você não torna pessoas designers. Ou até torna, é difícil dizer. A dificuldade de definir, de encontrar esses campos é tão grande que, em alguma dimensão, a gente torna essas pessoas que se envolvem pequenos designers (ou designers de verdade, nem pequenos). E em outra dimensão, às vezes a gente olha para essas ações e fala: “isso aqui é impossível de fazer, né?”. A gente está trabalhando com a rede de saúde mental e economia solidária, pessoas com transtornos psíquicos super difíceis. Você fala: “cara, como que a gente vai empoderar esses caras nas ferramentas de design?”. E aí quebra a cabeça, inventa metodologias, dinâmicas... Mas a gente sabe que existe um limite para isso daí. Tem até um tanto em que isso é possível ir, e daí pra frente não se vai mais... Mas levar o design para fronteiras, áreas onde... Imagina, como você vai ensinar design para saúde mental? Dentro das unidades de tratamento psico-social, os CAPS, os CRAS... Isso é uma fronteira. Eu contei para o pessoal que tem trabalho de inclusão mais contemporâneo, que é o pessoal da Itália... Eu contei para eles, eles têm uma política de inclusão dessas pessoas através do trabalho super interessante. Aí contei para uma amiga (que estava começando a

trabalhar com ela) o que a gente estava fazendo, e ela falou: “Caralho, a gente nunca pensou nisso... Vocês estão fazendo um trabalho e transformando eles em atores... Fazendo com que eles se apropriem” — que é, em última instância, esse trabalho de apropriação profissional, apropriação do trabalho, elevado ao máximo — “e a gente nunca tinha pensado nisso”. E eu falei: “É, mas é bem difícil também né... Difícil conseguir implementar”. Mas até por estar nessas fronteiras, por ir à frente disso daí, é que eu acho que é difícil de definir também, de entender, enfim...

Bom, a gente chegou bem rápido num ponto bem central. Eu até estava conversando com a Erica. Você falou de empoderamento... Eu entendo que isso tem alguma afinidade com a ideia de autonomia que Bonsiepe coloca. Geração de autonomia, principalmente. E também tem bastante afinidade com a ideia de inclusão que você também acabou de citar. Especialmente inclusão através do trabalho. Antes de eu entrar na pergunta, você queria falar um pouco sobre a afinidade entre essas coisas, entre empoderamento, inclusão e autonomia? Até porque essa entrevista é mais uma investigação desses discursos, entendeu? Dessa...

Eu acho que tem um processo em curso nesse momento, socialmente, de recontextualização de algumas coisas, algumas verdades que a gente tem, né. Uma delas é o trabalho. A verdade é que a gente já não precisaria trabalhar. Se a gente fosse pensar em saciar necessidades — se desprendendo um pouco dessa máquina consumidora capitalista — se a gente pensasse em saciar as necessidades da humanidade, talvez o trabalho não fosse necessário. Não da maneira como a gente está pensando. Mas ele tem um outro contexto em que ele talvez seja ainda mais importante, que ele traz um tipo de realização e satisfação que é mais potente do que os desejos primários. Na pirâmide de Maslow ele está num outro patamar: pra gente o trabalho traz realização. Se você parar pra pensar, às vezes eu me faço esse questionamento: “Ah, entrou um milhão de reais na minha conta. Como seria o dia seguinte? Cara, hoje seria um dia com qualquer outro”. Porque não é que ter mais dinheiro me faria uma pessoa descolada daquilo que eu acredito. Eu já alcancei esse patamar. Talvez me fizesse doar ou implementar ações que hoje eu não tenho condições de fazer, infra-estruturar coisas

que eu não tenho condição de fazer, mas eu continuaria vindo de bicicleta, eu continuaria trabalhando junto ao terceiro setor, que me alimenta. Difícilmente eu sairia da área de educação e de pesquisa. Então tem algumas coisas que eu acho que a gente conquista ao longo da vida que trazem esse significado para a sua vida — cada um descobre elas num momento, né — que acho que elas não tem a ver com saciar necessidades econômicas, elas tem a ver com o bem-estar que isso aí te traz. Se a gente fizer um paralelo disso aí, de um milhão de reais, essa mesma realidade em outra proporção acontece com gente que está excluída. Tanto excluída por limitações sociais (como é o caso dessas pessoas que a gente está trabalhando: rede de saúde mental e economia solidária). Mas se a gente for pensar que a gente trabalha sempre com excluídos, então: rede de saúde e economia solidária, presos, então, egressos do sistema prisional, gente em situação de vulnerabilidade social, jovens em situação de risco... Sempre são públicos muito extremos de necessidade, e muitos deles possuem condições para saciar as necessidades básicas, e ainda assim retornam ao trabalho. Se você pensa num preso, por exemplo — tudo bem, talvez ele tenha essa condição da bolsa, que trabalhar trás uma redução de pena — mas é muito mais do que isso. Se você pensa em alguém da rede de saúde mental e economia solidária, normalmente eles já são beneficiados com alguma bolsa, que é até um motivo de conflito pra gente: eles têm uma bolsa que o governo concede a eles por eles terem uma espécie de incapacidade ou dificuldade para realizar algumas ações. E ainda assim eles estão atrás de se inserirem pelo trabalho. Então, o trabalho: produzir, comercializar, ver as coisas que você faz sendo utilizadas por outras pessoas; tem um objetivo, um direcionamento, que é muito maior do que simplesmente trazer lucro, ou resultado, ou vender. Então, acho que está numa dimensão muito mais ampla. Algumas vezes, acho que o trabalho que a gente faz sempre é recortado por essa questão da viabilidade econômica, da utilização dos materiais, da sustentabilidade num modelo mais amplo. Mas eu percebo que muitas vezes, e com o tempo isso tem acontecido mais, ele tem se projetado para dimensões que a gente não esperava antes. Do crescimento das pessoas, de conflitos também em outra ordem, que são conflitos culturais quase. Tem um caso que para mim foi um divisor de águas. Quando um dos grupos que a gente atende, uma das mães que trabalhava já há bastante tempo com a gente, que tinha

ganho recurso e tal, juntou dinheiro — não só por nossa causa, porque a gente estimulava, mas porque tinha — juntou dinheiro pra filha e mandou a filha pra disney. Então foi assim, uma ruptura com aquilo que a gente tinha de ideal, né? Ao mesmo tempo que a gente não podia falar “não faça isso”. Se você quer proporcionar esse sonho para a sua filha... Então tem uma série de outras questões ligadas ao trabalho, à cultura e a como você percebe isso aí; qual é o valor que isso aí deve dar, que é muito pouco discutida, também, no design. São impactos que você causa nos grupos. Então alguns são muito claramente medidos do ponto de vista quantitativo — você sabe quanto faturou, quantos produtos desenvolveu, como a comunicação está mais efetiva ou não, quantas pessoas atingiu; para falar coisas que são mais claras do ambiente do design — mas acho que tem uma transferência de cultura, tem uma convivência ali, e uma transformação das pessoas que acaba passando por baixo, que pouca gente discute, que na minha opinião hoje é mais importante até, ou tão ou mais importante do que é essa parte objetiva, que são os resultados e métricas que a gente tem que alcançar. Então incluir, e dar autonomia em última instância, é fazer também com que essas pessoas tenham condição de pensar por elas mesmas. Empoderá-las com um tipo de conhecimento que não é um conhecimento técnico só do fazer, mas é um refletir também a respeito do que está fazendo, pra que esse processo seja um processo contínuo. Pra que ela diga “não, eu sei desse risco, eu vou continuar fazendo isso; eu quero mudar essa maneira de fazer, mas não vai ser nesse momento”. Então eu acho que a gente mesmo tem aprendido como essas nuances vão aparecendo. Porque num primeiro momento a gente era muito ingênuo, eu acho, nessa coisa simplista, nessa coisa de incluir as pessoas. A gente achava que desenvolvendo um produto para as pessoas a gente ia incluir. A gente era até bobo, porque achava que dando projeto a gente ia incluir. “A gente dá o projeto e o cara produz e ganha dinheiro, e beleza”. E aos poucos, quer dizer, esse convívio, o não se render a uma falsa impressão de sucesso — que é o que normalmente dá — Porque se aparece na revista, se está em uma exposição, você tá satisfeito. Mas para lá para ver se de fato você transformou a vida dessa pessoa: se eles conseguiram de fato comercializar; se a qualidade de vida, de fato, ficou melhor; se elas mudaram, de fato, seus hábitos; se a geração seguinte vai se transformar. Porque a gente está fazendo dez

anos, a gente está conseguindo ver os filhos das pessoas que a gente atende entrando no mercado de trabalho. Tem alguns casos que são super bacanas, que a gente cria uma relação íntima, fica amigo, então tem toda uma outra dinâmica. E o fato da gente não se furtar a esse... Como é que eu vou falar?... A esse pseudo-sucesso... E acho que manter essa relação próxima fez com que a gente fosse se aprofundando e discutindo coisas, eu acho, que eram cada vez mais básicas. Coisas que muitas vezes, também, não vieram com as pessoas que vinham da área de design. Então, o fato da gente ter aqui profissionais às vezes de arquitetura, às vezes de ciências sociais, de áreas que não são só design, fizeram com que a gente — administração, né — com que a gente trouxesse bagagens e conhecimentos, acho que de outras maneiras. E acho que isso daí também contribui. Mas de uma maneira mais ampla, acho que tem um pouco disso. A gente tenta incluir as pessoas mas é uma linha tênue essa de incluir, de dar autonomia, de emancipar... O que cada uma dessas etapas significa. E a gente começa, acho que de uma maneira mais simplória, depois vai potencializando isso daí. Vai tornando mais sofisticado, trazendo discussões mais profundas e assim por diante.

Ivo, a gente está chegando... Eu vou até abandonar isso daqui porque a gente está chegando muito rápido nos pontos que estão me interessando... Então vou continuar naquilo... A gente está falando aqui de empoderamento, de inclusão, de autonomia, e agora surgiu emancipar, emancipação. São todas palavras que eu percebo uma afinidade entre elas e até... Você está colocando elas como etapas. Etapas de um processo, talvez. Eu não tinha entendido dessa maneira ainda... Achei interessante essa colocação, como etapas. Quer dizer que existe uma ordem entre elas? O que acontece, acontece como uma base para depois se lançar para uma próxima etapa...? Tem algum tipo de relação assim, você acredita?

Não sei se tem uma receita assim, se pode ser uma sequência. Mas acho que elas, as realidades que a gente encontra, várias vezes se repetem. E aí talvez tenha um pouco isso de que não é sempre igual, mas algumas vezes você encontra padrões. Você consegue entender coisas parecidas, principalmente nos ambientes que são similares. Mas acho que de fato tem uma coisa que é... Você pode gerar autonomia mas não emancipar as

pessoas, por exemplo. Você pode gerar uma autonomia que a pessoa não precisa de você para fazer um certo tipo de ação ou para implementar coisas... Então, sei lá, eles são autônomos e eles podem decidir coisas a respeito da comercialização, de como eles vão tocar o negócio, de como eles querem se comunicar como grupo. Mas tem algumas dinâmicas perversas dos próprios designers e da própria metodologia que é muitas vezes aplicada, que cria uma espécie de laço, faz você voltar denovo praquela realidade. Porque pensa bem: o designer é um cara que quer, entre aspas, “prestar serviços” pra uma empresa, pra uma realidade, pra um grupo; e que de tempo em tempo esse grupo, essa empresa vai dar a volta e voltar para ele denovo. Então, a lógica com que o nosso modelo de pensamento é fabricado faz com que esse ciclo tenda a ser um ciclo não de emancipação, mas um ciclo de retorno.

De dependência...

Isso. No ano seguinte aquela empresa precisa de você denovo. E aí é até difícil para os grupos entenderem quando a gente tenta romper com isso. Eu recentemente fui para Tabatinga lá no Amazonas fazer um trabalho com a associação de artesãos de lá. E eu conversando com eles, eles falaram “ah, a gente queria que vocês desenvolvessem uma linha de produtos”, falei “e o que que vai acontecer quando eu desenvolver uma linha de produtos para vocês?”, “ah, a gente vai vender”, “tá, e o ano que vem?”, “ah, e aí, ano que vem a gente vê, ano que vem vocês voltam” e eu falei “eu não quero mais voltar aqui, entendeu? Eu quero trabalhar com vocês para encontrar soluções locais, talvez transnacionais no caso”, que eles estão na fronteira lá com o Peru e com a Colômbia. Daí que nós precisamos amalgamar soluções. A gente agora nem fala que vai desenvolver produto mais para esses caras, para não gerar essa falsa expectativa, de tão bombardeado que isso foi. A gente fala que a gente vai fazer um arranjo produtivo. Que a gente vai lá ajudar eles a encontrar uma solução produtiva. E desenhar um negócio, desenhar uma solução produtiva, desenhar um nicho de mercado, às vezes é muito mais emancipador, nesse processo, do que necessariamente desenvolver um produto. É o contrário, acho que o produto cria uma relação de dependência muito forte. Então quando eu falo pra eles “ah, olha, vamos fazer o seguinte, eu não vou te desenhar um produto, mas eu vou te apresentar um

cara que vende esses mesmos produtos que você desenvolve em São Paulo. Vocês vão ficar amigos e esse cara vai criar essa relação com vocês. Ou, ao invés de desenvolver o produto — porque eu não acho que vocês estão preparados para chegar num produto final, como acabamento — a gente vai desenvolver um produto semi-acabado para que outras empresas comprem. E eles têm um acréscimo de valor, nesse sentido; vocês estão vendendo mais do que a matéria-prima e isso trás valor para vocês. Mas ainda não é um produto final porque vocês precisam de um outro tipo de relação para chegar lá”. Então essa clareza que acho que tem mais a ver com desenho de negócio, desse processo, é um requinte que demorou muito tempo para a gente chegar. Então, nesse caso mesmo, o cara falou “olha, preciso de vocês”... Quem contratou, que é a união nacional dos empreendimentos de economia solidária. Falou “olha, tenho os grupos, preciso que vocês vão lá desenvolver umas coisas melhores, porque tá ruim, é feio”. A gente falou “olha, a gente não vai. Não vai desenvolver isso, a gente vai ajudar eles a se emanciparem, ganhar dinheiro e criar um arranjo produtivo estável para que este processo seja um processo de longo prazo. Mas se a gente prometer pra vocês que vamos desenvolver uma linha, talvez até saia mesmo uma linha como resultado.” Uma linha do produtos, porque motiva, porque é bacana, mas ela não pode ser a razão de ser. Porque se não ela cega as outras necessidades que estão por trás, que elas são emancipadoras. Se o cara entende que tem renda regular, ele não volta, sei lá, para o bolsa-família, ou ele não volta praquela bico que ele precisava fazer à noite. Aí ele se dedica a um trabalho artesanal de raiz, que o avô dele ensinou para o pai que ensinou para ele. E aí você começa a romper uma série de ações que hoje são quase pejorativas. Nessa área, que a gente fala de artesanato, hoje, ser artesão é quase um palavrão. Não é uma coisa bacana. “Ah, isso é uma coisa artesanal...” E a gente vê essa realidade em outros países é completamente diferente. A gente tem uma cultura industrial mal-alimentada e o designer, por sua vez, tende a ser o cara que mantém isso daí. Que apropria, e não que dialoga com outros modelos de produção, que inclui outros tipos de coisa, que valoriza outras ações. falando de maneira genérica, porque tem sempre gente que é expoente, que consegue fazer trabalhos belíssimos em outras áreas. Eu não sei, eu sinto um pouco isso, que a gente... Aqui dentro mesmo... A gente é... Não tem nenhuma certeza. Toda hora a gente tem conflito. Então

a cada dois anos a gente se reinventa, que acho que é uma coisa importante. cada dois anos... A gente era um projeto de extensão... Tudo errado! Joga tudo no chão, vira uma associação. Dois anos depois, joga tudo no chão, vira uma empresa social. Dois anos depois, joga tudo no chão, vira uma incubadora de negócios inclusivos. Você vai ver, daqui a dois anos, joga tudo no chão, vira uma aceleradora, entendeu? E acho que essa coisa de encontrar os limites daquilo que você está fazendo e romper, jogar tudo no chão — que acho que é uma coisa que uma ONG, e a maneira com que a gente se relaciona possibilita — é o que faz com que a gente vá cada vez mais na fronteira, e aí rompe de novo. Aprende com isso, faz outra coisa. Vai invadindo áreas que acho que no início não nos pertenciam; e que a maior parte das pessoas acho que não invade também né? Porque é difícil. Economia solidária... Os caras da economia solidária, no começo, viam a gente como o demônio. Há, sei lá, cinco ou seis anos atrás. Porque era, tipo: “nossa, lá vêm aqueles deusigners de novo querendo dizer o que a gente precisa desenvolver”. A gente até aprendeu a falar a mesma língua, os caras valorizarem, a gente criar projetos em conjunto. É sempre uma construção, um processo. Enfim, sei lá.

Essa questão do poder, do empoderamento, da inclusão, emancipação, autonomia... Porque que é central no meu TCC? Porque, principalmente o Bonsiepe — é um cara que eu pego muito, até pego um pouco no pé, talvez — porque ele usa a expressão “gerar autonomia”, não é? E o que chama atenção é que, aparentemente, é paradoxal gerar autonomia. Como é que você pode dizer, depois de ter feito o seu trabalho, que aqueles caras são autônomos graças a você? Então não é uma autonomia de fato.

Claro.

E por isso que eu estou pegando esses projetos que trabalham com essa população carente, ou população identificada em...

Situação de risco...

Situação de risco... É, em uma situação de exclusão mesmo, porque geralmente a gente vê muito acontecer esse tipo de movimento, não é? Então...

Mas, Guilherme, sabe que tem uma dimensão

que eu sempre fico pensando, que é que autonomia num certo nível não existe. É difícil... Eu briguei muito com isso daí por conta da sustentabilidade. Então, tem níveis em que você pode ser sustentável ou ter sustentabilidade. De qualquer forma. Se a gente desmonta a sustentabilidade com as peças dela, vamos pegar, sei lá, a parte econômica. Eu sempre briguei muito para que “puts, vamos fazer com que os produtos sejam economicamente viáveis.” Sabe, com que eles sejam possíveis de serem comercializados, que eles tenham um valor de mercado competitivo. Sabe, encontrar essa chave para inseri-los como qualquer outro produto. Qual é o caminho para que eles cheguem de qualquer forma? Aí, o que acontece? Eu olho para, sei lá, a indústria da laranja. E os caras só sobrevivem porque têm um subsídio estúpido do governo. Aí eu olho para, sei lá, a indústria automobilística. E os caras só sobrevivem porque tem um subsídio estúpido do governo. Sabe? Eu olho para eletrodomésticos, e só sobrevive porque o governo baixa todos os impostos e não estimula a troca... Se não não sobrevive. E são áreas que empregam menos do que a gente emprega. Assim, se você for pensar naquela visão do começo, que é de pessoas ativas que se realizam com aquilo e que fazem movimentar a economia, no final das contas são áreas que têm menos mão-de-obra empregada do que o que a gente tem. Eu acho que tem uma miopia, de uma maneira geral, aqui no Brasil, de como essa produção industrial é capaz de fomentar ou de desenvolver o país. Uma miopia. Porque outros países já encontraram soluções mais cômodas. Se você vai na Turquia, ou se você vai na Colômbia, eles têm um ministério de artesanato ou de trabalhos manuais. Um ministério. Então os caras têm um cara lá, tão importante quanto a pesca, a ciência e tecnologia, e o desenvolvi... É, tipo, o artesanato! Porque é uma questão cultural forte. Porque valoriza pessoas e aterra elas onde elas estão. Porque com isso daí você consegue exportar cultura e divisa do seu país, né? Se você vai para a Itália, se você vai para a França, você encontra lojas de artesanato colombiano. Do próprio governo. E a gente está a anos-luz de pensar isso. A gente mal consegue competir com modelo de produção industrial chinês. E as pessoas, não é que elas discordam disso. Elas não vêem outra realidade. Porque é tanto tempo amalgamado nisso daí, é tão... Desde pequeno tão... Desde sempre você vendo essa coisa do — e ainda mais a gente aqui em São Paulo — vendo essa coisa: a indústria, a indústria que move o

país, e a indústria na TV, e a indústria nãñã... Então a gente acha que a indústria é a única coisa que funciona. E aí a gente está vendo São Paulo se transformar numa cidade de serviço, né? A gente tá vendo que, sei lá, que a indústria cada vez tem um drive, que é de cada vez ter menos gente trabalhando. Pra conseguir reduzir custos e vender mais e obter maior lucratividade... Que vai de encontro, né, você pega Domenico de Masi, um desses pensadores contemporâneos, eles falam: cara, isso é um contra-senso... Essas pessoas precisariam... Mais gente trabalhar menos e ganhar mais pra gente conseguir quebrar a economia. Um dos problemas econômicos que a gente tem é que a gente está fazendo a coisa ao contrário! É menos gente ganhando mais e isso não movimenta a economia. Aí todo mundo quebra, né, todo mundo cai. Então, eu entendo essa questão, mas eu acho que eu parei de me exigir, também, como... ou de exigir que o meu trabalho tenha um nível infinito de... Ele tem que existir independente do... Sabe, uma autonomia que não importa, você formou o grupo e ele existe para sempre. Não, não é verdade. Você formou o grupo e ele tem questões internas e a pessoa envelhece, e os filhos se formam e ele não está mais na mesma realidade... E o mercado muda e alguns grupos deixam de existir por conta disso... Outros se transformam... Mas o fato de o mercado mudar, dessas pessoas nem sempre estarem fazendo aquilo que estavam fazendo antes, não quer dizer que você deixou de impactá-las. Sabe? Que aquele impacto inicial... Por isso eu acho que o impacto é muito mais nas pessoas e para as pessoas. Então, quando você mostra para uma mãe de uma comunidade carente que ela pode gerir ou que ela pode formar preço — por exemplo, de um produto, de uma bolsa que ela costura — isso daí deixa de ter uma dimensão importante só pra aquela bolsa, ou pra colocar aquela bolsa no mercado. Você começa a entender que ela vai ensinar a filha dela a controlar a mesada, que ela vai tomar conta das contas de casa. Que ela vai se endividar menos. Tem uma série de outros benefícios intangíveis, que talvez esses caminhem para a autonomia, né? Pra ela não precisar de mais nada; e isso tem a ver com cultura e é mais longo; do que aquela coisinha pontual que você está ensinando. Talvez aquele objetivo primário se perde até. Ele não é tão importante no final. Mas em última instância nenhum de nós — ou talvez pouca gente no mundo — é autônomo mesmo né. Nesse sentido de se... O cara tem que estar na floresta lá, não precisar de nada, cultivar o próprio arroz... A gente

está na sociedade né, todo mundo se...

Não... Autonomia num sentido humanístico...

Sim, sim, sim, sim, sim... Eu estou... Sim...

**...Não é nem num sentido econômico...
Materialista... Não é?**

...Estou extrapolando... Claro, claro... Estou extrapolando...

Bom, você falou essa questão de ensinar o filho a mexer com a mesada... E isso vai na questão da renda, talvez. Uma coisa que apareceu — tanto quando eu conversei com o Rafael, do revale, quanto agora com a Erica, quanto com a Camilla, do colabora, que eu falei — é a questão da renda. E aparece também a auto-estima. Há uma crença que a auto-estima, ela é uma geradora... Quer dizer: a renda é uma geradora de auto-estima nesses casos. Que talvez por incluí-los num mercado, incluí-los num mercado consumidor — quase como uma tese petista de desenvolvimento, assim...

Sim, sim, sim...

...Isso é emancipação. Você...

Não...

...Você concorda com isso?

Não. Não acho que é isso daí, na verdade. Eu tendo mais a acreditar que o processo, não o resultado final — vamos imaginar que a renda é o resultado final — o processo é emancipador. O resultado final é muito menos emancipador do que o processo. Então vou te contar umas coisas assim: trabalhar com um grupo... Um dos grupos a gente fez com que eles fossem fornecedores da Tok & Stok, por exemplo. Então, trabalhar com um grupo para que elas se capacitassem: soubessem receber e-mail para receber os pedidos, que elas soubessem conferir medidas, que elas soubessem criar seus próprios combinados internos e padrões de qualidade, gerir sua produção, negociar com, sei lá, o cara do transporte... Então, trabalhar essas questões que são questões de processo é muito mais emancipador — deixa uma bagagem muito mais sólida — do que

a renda. Se eu desse só a renda para eles eu estaria fazendo o que uma ação assistencial faz. Então não é o resultado final que traz a emancipação, se não a gente daria dinheiro para as pessoas e elas ficariam bem. E não acontece, se você dá dinheiro para as pessoas, você tira elas (no melhor dos casos) da situação limítrofe, que é de pobreza extrema ou alguma coisa assim. Mas é artificial. Porque você não construiu com ela um processo que seja uma porta de saída. Então você pode, você deve calçar as pessoas com recurso ou com infra-estrutura, num momento de necessidade? Eu acredito que sim. Que essa é a minha visão de intervenção do Estado para garantir que as pessoas tenham uma condição mínima. Mas eu acho que isso daí não deve vir sozinho. Você calça essa pessoa — pode ser um bolsa-família, pode ser um, sei lá, um sistema de assistência social, o que quer que seja — e se você não der pra ele (a gente está descobrindo isso no Brasil só agora), se você não der para ele um caminho, uma porta de saída desse processo, ele para sempre vai ficar ali preso com você. Então você tem que trazer uma cultura de emancipação para essa pessoa. Você tem que conseguir construir com ela uma trajetória que não é uma trajetória fácil, para ela entender esse processo, para entender quais são os caminhos e as articulações que ela precisa fazer pra conseguir sair dali. E tem gente que não vai querer. É mais confortável estar do outro lado. Tem gente que vai entender isso muito rápido e vai sair pra um... Uma coisa que é muito engraçada, e a gente já viu algumas vezes, que é alguém do grupo, que é muito safo, se desenvolve mais rápido que os outros e passa a explorar o grupo. Então o cara dá a volta e perverte o próprio processo. E começa a se apropriar do sistema para benefício próprio. Isso também é uma coisa que é comum, e mostra como nem todo mundo está ali disposto a construir de maneira coletiva. Tem gente que quer sair da sua situação de vulnerabilidade da maneira mais rápida possível e custe o que custar.

Então o que é emancipação? No sentido: qual é a diferença entre uma pessoa emancipada e uma não-emancipada?

Acho que é a dependência mesmo. A pessoa não... Vou dizer assim, no nosso caso aqui: um grupo emancipado é um grupo em que, se o design possível não existir, ele vai continuar existindo, produzindo e multiplicando as coisas que ele está fazendo. Ele não

depende da gente para esse processo. Ele transforma aquilo que ele aprendeu, encontra outras maneiras de seguir... Ele assumiu uma cultura — e nisso eu acho que o design é feliz — ele assumiu uma cultura de pensar no problema e encontrar solução que é uma cultura projetual. E isso daí funciona para qualquer área que ele for atuar. Então ele pode, sei lá, mudar de mercado, ele pode não estar... Ele pode se desarticular ou encontrar um outro espaço para estar... Não importa, mas ele funciona de... Ele funciona, e os pilares principais continuam existindo, ainda que quem deu o suporte ou criou o impulso inicial não esteja mais. Então não importa: a ONG inicial não está? Não tá. O design possível não está mais ajudando? Não está. Ele continua dependente de algumas coisas? Deve continuar, assim como qualquer outro empreendimento: dos seus clientes, da situação do mercado... Nesse nível que eu digo que a gente não consegue ser totalmente independente. Mas ele tem condições de lidar com essas demandas ou articular soluções para esses problemas sem que ele precise de tutoria, de apoio, ou de ajuda. Ele vai pedir tutoria, apoio e ajuda como você pediria para qualquer um parceiro; mas você vai ouvir (é como você faria, talvez, com seu pai ou com um amigo), você vai ouvir dele, vai pedir ajuda se for preciso, se você quiser, mas você tem a opção de não pedir, de seguir fazendo. Eu acredito que a gente tem hoje dois ou três grupos nessa situação. Alguns que a gente até tem menos contato e que você tira a mão e continua funcionando.

[interrupção]

Tá certo. Emancipação, é... Bom, outra coisa que eu queria tocar é que você é a primeira pessoa que eu estou entrevistando que menciona conflitos. Isso é até interessante porque as pessoas, às vezes, têm a impressão que isso tudo é um processo fácil...

Imagina!

... Simples e gostosinho...

Nossa, é um processo do cu, assim! É uma briga... É construído a pequenos conflitos. A parte fácil é pequenos conflitos. A parte difícil são grandes conflitos. Ideológicos ou de tudo. Mas não é um processo calmo, nada é um processo calmo. Ainda mais se você quer manter sua ideologia, se você quer ser fiel à ela e não ceder às pressões que a gente vê no meio do caminho.

Então, nossa, quem falar isso te engana. (risos) Se engana, talvez, né?

É.

E é a mesma enganação que eu acredito que as pessoas fazem quando dizem que não querem errar, sabe? Errar faz parte, você tem que errar rápido... Errar rápido, tipo, errar rápido e controlado para você conseguir aprender rápido. Sem errar você não aprende. A gente tem uma cultura contra o erro...

Condenação do erro...

Condenação do erro. “Ah, não pode errar, tem que ser perfeito”. Não, cara, se você não errou você não arriscou! Você não cometeu um erro bom... Se você não comete um equívoco, significa que você estava fazendo uma coisa que já as pessoas sabiam, ou que estava consolidado, que você não tentou nada novo... Que você não inovou de nenhuma maneira. Então é meio feio, até, eu acho, não errar. Não errar é uma coisa quase feia, assim. Significa que você...

É uma coisa errada...

É. Seguindo uma política, uma diretriz que já estava consolidada. Então o que você está acrescentando? Quem é que você está transformando, fazendo a mesma coisa? Quem você tá querendo enganar fazendo a mesma coisa? Não muda.

Bom, legal, Ivo. Eu acho que a gente foi bastante rápido, foi direto ao ponto. Foi bem legal essa entrevista. Eu só queria pedir para você... Denovo eu esqueci de pedir isso no começo, como eu fiz com a Erica... Fazer uma apresentação sobre você, sobre sua relação com o design possível e com o design; para eu saber como te apresentar no trabalho se eu precisar fazer isso...

Tá. Eu... Bom, eu caí no design por acaso. Eu comecei estudando arquitetura e não gostei, aí acabei indo para a área de design. Eu me graduei em desenho industrial em 2001. Depois acabei fazendo um mestrado em educação, artes e história da cultura; que me deu uma base, foi o que me tornou professor mesmo, foi ter feito esse mestrado em educação. E aí depois eu acabei fazendo doutorado em metodologia de projeto ligado à

sustentabilidade. Aí de volta na arquitetura. Tenho uma inquietude com relação ao fazer a ao produzir; em algum momento eu acabei tropeçando no trabalho com o terceiro setor. Foi uma junção, assim, de... Não digo que foi um acaso porque acho que não tem isso, a gente vai buscando... Mas foi uma feliz coincidência que trouxe uma realização para o meu trabalho que a minha vida profissional industrial não estava me dando. Eu quase abandonei o design, trabalhava em indústria, produção em série, em massa. Entendia bem disso mas não me realizava. Engraçado, hoje eu me vejo construindo projetos tipo indústria de inclusão, valorizando a indústria manual... Que é quase dando uma volta encima da minha própria formação e voltando denovo a esse ponto para reconstruir modelos de atividade industrial. Por conta disso eu acabei desenvolvendo projetos de extensão na universidade, que culminaram com a construção do design possível. E desde então venho atuando. Fui presidente, e agora fui sucedido já tem uns quatro anos... A gente tem uma equipe grande de atores, de gente que participa, conselheiros, enfim... Tem um trabalho bacana, estamos fazendo dez anos esse ano. E acho que a gente se alimenta e alimenta... Então eu me alimento muito do que acontece no design possível pra refletir, pra me reinventar, pra construir... E alimento de volta o design possível com aquilo que eu construo. No final do ano passado eu tive uma crise existencial, denovo... É recorrente, sempre tenho... Comecei a achar que o trabalho que a gente fazia era uma bosta, que a gente não era capaz de fazer as coisas que a gente estava querendo... E decidi ir para uma outra área trazer conhecimentos novos. E aí montei uma start-up com esse cara que você conheceu aí, que é amigo meu de infância, o Roberto — que é do IME lá de... Se formou no IME de matemática lá da USP mas foi fazer mestrado, doutorado fora — e mais dois outros caras de programação. E fui entender como funciona modelos de negócio pra coisas como vale do silício, e modelos de negócio mais contemporâneos, dentro dessa ótica da start-up. E tenho trabalhado com outra dimensão do que é mudança social. Que é essa coisa do engajamento, de como engajar pessoas de outras maneiras, de como fazer com que a gente tenha construções colaborativas para a mudança da realidade social. Mas isso é uma outra conversa...

É... Tá legal. Obrigado viu...

Imagina...

...Denovo por dispor esse tempo aqui para mim, vai me ajudar bastante...

Você me avisa quando for, se a gente pode assistir, o depois receber uma cópia para ver?

Então, com certeza você vai receber uma cópia...

Vocês têm uma apresentação também, lá, né?

Tem... Então, inclusive estou pensando em te convidar para a banca...

Ah, seria um prazer, ficaria honrado, cara... Muito

Rafael Gatti

Entrevista realizada via troca de e-mails, entre os dias 10/09/2014 e 6/10/2014, com Rafael Gatti, a respeito de design social e do Revale.

Você acredita que a prática do design pode operar uma transformação social? De que maneiras isso pode acontecer?

Penso que a prática pela prática, apenas, sem uma visão transformadora, não gera a mudança. Pelo contrário, resulta em repetição. Produzimos “mais do mesmo”, sem questionar o sentido das coisas. Contribuímos para a manutenção da situação vigente. Já a prática envolvida por uma visão, esta sim tem potencial propulsor. O caso da empresa Apple é um exemplo bastante popular e foge do estigma assistencialista. Observamos nela uma prática visionária do design, que buscou tornar a tecnologia da computação proporcional, útil e amigável para o usuário comum. Este, ao incorporar o computador pessoal em seu cotidiano, viu sua autonomia rapidamente se elevar. Hoje somos impactados, diariamente, por esta visão de Steve Jobs, que sem a operacionalização prática, permaneceria apenas uma visão. Entendo que a prática vinculada a uma visão iluminada que encontrou seu momento, será capaz de transformar nossa sociedade.

Interessa-me bastante este exemplo. Steve Jobs é, sem dúvida, uma figura bastante celebrada como portador de singular — ainda para usar a mesma

legal...

Então eu vou te mantendo informado...

Tá bom.

Até, se eu precisar falar com você denovo...

Fique à vontade... Você tem meu telefone, tudo, né?

Tenho. Obrigado, viu?

Imagina cara...

[...]

palavra — visão. Aí entra a minha colocação: esta visão, este jeito singular de trabalhar as ideias, é uma habilidade treinável ou uma característica de personalidade? Esta visão singular, transformadora, tem alguma relação especial, alguma identidade com o design? Em qualquer caso, como podemos saber com alguma certeza que esta visão sempre aponta para o melhor caminho?

Ao meu ver, uma habilidade e uma característica ao mesmo tempo, porém não saberia dizer se isto realmente pode ser treinado, nem mesmo se tem a ver com a personalidade da pessoa. Quanto à relação de identidade, concordo com ela. Creio que a visão transformadora encontra muito espaço no design. Em essência, projetar é solucionar problemas. Olhar para o estado presente e projetar seu futuro. Há aquela frase emblemática de Gui Bonsiepe: “A resignação não é uma atitude do design”. Com o agravante de que, no caso do projeto de design, seu resultado impactará diretamente sob múltiplos indivíduos, em níveis locais ou globais. Observo que não há uma visão em consenso do “melhor caminho”, porém, em minha opinião, é fraca uma visão de design que desconsidere os interesses coletivos básicos.

A figura de Jobs, apesar de muito celebrada, também é polêmica em muitos aspectos. Sua companhia, ainda que tenha oferecido possibilidades novas ao usuário do computador pessoal nos anos

70, hoje em dia sofre duras críticas por gerar em seus clientes uma dependência em novidades supérfluas. Incrementam infinitesimalmente o mesmo produto, ano após ano, renovando os desejos de consumo de uma clientela fidelizada que, mesmo pagando preços bastante acima da concorrência, está sempre disposta a consumir. Pode-se argumentar que esta é uma versão bastante exemplar da mesma obsolescência programada criticada por teóricos do design há muito tempo. É, de fato, a criação de uma dependência com o objetivo de manter altos lucros. Tendo em vista este exemplo, ainda, como podemos cuidar para que inversão semelhante não ocorra? Como podemos ter certeza que estamos de fato gerando autonomia, e não uma nova dependência antes inexistente?

De certa forma, toda empresa planeja a obsolescência de seus produtos. Há em Vance Packard, autor de uma das obras fundamentais sobre obsolescência planejada, a indicação de que, dentre as três modalidades de obsolescência identificadas, aquela ligada a um desempenho superior, a chamada obsolescência funcional, seria algo desejável, pois incentivaria a inovação. Talvez seja este o tipo de obsolescência a que você se refere. Uso um produto Apple e não identifico indícios da segunda modalidade, a obsolescência por durabilidade, quando a vida útil do produto é intencionalmente reduzida, e certamente não há presença da terceira modalidade, a obsolescência por desejabilidade, onde abusa-se do formalismo e demais modismos sazonais para determinar o descarte prematuro de produtos perfeitamente funcionais, por uma simples questão de estilo. Até mesmo Dieter Rams, designer na Braun e expoente do pensamento alemão de Ulm, chegou a reconhecer a seriedade com que o design era tratado na Apple.

Penso que a crítica a obsolescência que citou foi muito mais direcionada a visões como a da “economia dinâmica” de Harley Earl, designer da GM na década de 50 e criador do modelo anual de automóvel, vigente até hoje. Esta sim cria dependência e visa interesses muito particulares em detrimento dos coletivos. Podemos citar ainda Raymond Loewy, idealizador do “streamlining”, e que dizia que a “mais bela curva é a curva do crescimento das vendas”. Nada contra o lucro, desde que permita que uma empresa exista e cumpra seu papel social. Algo muito diferente é o lucro pelo lucro. Por fim, traria uma recomendação feita pelo professor

João Bezerra, em entrevista a Revista Ciano, que vai muito de encontro com esta sua questão final. Há uma pergunta que devemos fazer a nós mesmos e que ajuda muito a entender este aspecto da redução da autonomia ou heteronomia. Seria ela: “Estou enganando alguém?”.

Essa transformação é desejável? É responsabilidade do design (ou do designer) operá-la? Porque?

Acho que toda transformação social é desejável quando atende interesses coletivos básicos. Não creio que a responsabilidade por operar tal transformação seja exclusivamente do designer. Entendo que isto cabe a todos na sociedade, não apenas aos especialistas. O design aportará sua contribuição, porém ela é limitada. Haverá ainda a necessidade de aportes vindos de outros campos do conhecimento.

Entre estes diversos aportes que contribuem para uma visão transformadora, há alguma especificidade estratégica do design? Acredita que cabe ao design — por exercer uma visão generalista ou por outro motivo — um papel coordenador, integrador, ou especial de alguma maneira?

Veja, me referi a aportes que contribuem para uma “transformação social”. Assim, penso que a especificidade está justamente na consideração do fator humano, algo que sempre estará presente em qualquer transformação social. Neste aspecto o design é, por natureza, comprometido, daí até possa surgir alguma liderança espontânea, na coordenação ou integração, porém penso que não devemos ignorar a necessidade, e a importância, de campos de conhecimento muito mais específicos nestes assuntos, como o da gestão / administração.

Qual é a profundidade desta transformação? Em outras palavras, qual é exatamente a diferença que se nota nesta pessoa (ou comunidade) transformada, entre antes e depois dessa intervenção?

Analisando o caso Apple, citado na 1ª resposta, onde houve uma transformação social via popularização dos computadores pessoais, fica evidente o aspecto central da autonomia. Este tema é caro ao design, sendo recorrente em diversos outros momentos onde o design possuiu papel transformador relevante. Creio que esta seja uma forte bandeira política onde o design se

insere. Oferecer autonomia às pessoas é uma forma de descentralizar o poder, de torna-las mais livres. E isto gera desdobramentos positivos na vida prática, cultura, social, financeira, intelectual, política etc.

A colocação sobre geração de autonomia, ou “tornar livres”, é bastante central na minha hipótese. Principalmente porque gera um patente paradoxo: como é possível que esta liberdade tenha sido operada por nós, designers? Havia antes atrelada a este outro alguma alagma metafórica, alguma força retentora, que poderíamos destruir? Como é possível chamar de autônomo este outro que necessitou da sua ajuda para emancipar-se? Podemos chamar isso, verdadeiramente, de autonomia? Em vez disso, não se trata de, ao limite, torná-lo um pouco mais parecido conosco, no sentido de compartilhar de uma mesma visão de mundo? Não se trata, apenas, de incluí-lo numa narrativa de geração de renda através do trabalho no contexto produtivo? Não seria bastante fácil cair na armadilha de considerar essa inclusão uma libertação, uma geração de autonomia?

Discordo. Vejo isto como colaboração. Em todos os trabalhos que realizamos no laboratório Design Simples, a iniciativa dos projetos sempre partiu dos nossos parceiros. Estes “outros” é que solicitaram nossa colaboração. Numa observação mais ampla, podemos tomar o exemplo da Wikipédia, onde não temos que pagar mensalidades pelo conhecimento que é disponibilizado. O Google é um outro exemplo, apesar de ser uma empresa que visa lucro, o benefício que seu produto entrega a toda a sociedade é desproporcional à exploração comercial que existe. Enfim, discordo deste dualismo entre “nós” e os “outros”. De verdade, não acredito que as coisas sejam assim. Penso que “nós” somos, na maior parte do tempo, estes “outros”. Ao meu ver, o corpo profissional está inserido dentro do corpo social, não fora dele.

De onde surgiu a primeira ideia, a primeira vontade de trabalhar neste sentido, no caso do Revale? Como se juntou a equipe de trabalho? Houve algum vínculo com instituição de ensino?

Tudo se deu dentro do laboratório que foi o Design Simples, onde a vontade fundamental era de trabalhar com liberdade em projetos com sentido transformador. O projeto Revale foi um destes que realizamos neste

laboratório colaborativo. Sua equipe foi composta por alguns alunos das três primeiras turmas do recém criado curso de design. Não houve vínculo ou apoio formal da instituição de ensino, a não ser na utilização das máquinas da oficina de marcenaria, que ocorreu no período de férias de fim de ano — época em que muitos alunos utilizam aquele espaço para fins exploratórios pessoais. Lá pudemos contar com a sensibilidade e o engajamento de seus instrutores. Penso que, desde o início, caberia a fundação de uma empresa júnior de design, vinculada a faculdade, como acontece por aí, para cumprir o papel da extensão universitária. No entanto, havia um ambiente desfavorável ao desenvolvimento de iniciativas como estas na faculdade.

Um ambiente desfavorável para a criação de uma empresa júnior ou para o desenvolvimento do projeto revale? Você pode deter-se com mais detalhes sobre este ambiente desfavorável? Você pode fazer uma breve apresentação do que foi o laboratório Design Simples?

Penso que ambos. Quando se faz um projeto de pesquisa, um estágio ou até um trabalho em uma empresa júnior se pressupõe alguma remuneração que retribua e dê condições aos envolvidos de se dedicarem com o foco necessário. Dentro do laboratório Design Simples não havia qualquer tipo de remuneração aos designers que participavam das parcerias, havia apenas a retribuição inerente à possibilidade de se atuar em um contexto de projeto relativamente raro em estágios ou empregos regulares. Tanto pela natureza da atuação, com viés social ou experimental, quanto pela presença do fator de risco que era assumido, em relação ao fracasso ou sucesso do empreendimento. E assim fomos trabalhando, porém sempre atuando no curto prazo. A informalidade e a falta de uma estrutura foram, de fato, impedimentos para que houvessem projetos de longo prazo. Houveram discussões no início da implantação do curso de design sobre a viabilidade de uma empresa estudantil de design, a exemplo do que acontece na Unesp, porém, num momento em que o recém criado curso de design sequer contava com o devido apoio, político e logístico entre docentes e discentes, muito menos esperávamos algum apoio à uma iniciativa como esta.

Uma empresa júnior seria a estrutura institucional adequada para cuidar deste tipo de iniciativa?

Fui durante um ano aluno do curso de Desenho Industrial da Unesp e lá conheci o trabalho da Design Jr., a empresa estudantil de design vinculada aquela universidade. Formalizada há mais de dez anos, permanece em atividade com o propósito de aliar projetos com ênfase social ao aprendizado advindo da experimentação. Penso que este modelo organizacional seria capaz de inserir dentro da universidade uma visão muito próxima daquela que tínhamos no Laboratório Design Simples.

Como aconteceu o primeiro contato com a comunidade? Foram eles que te contataram ou o contrário? Como aconteceram os contatos subsequentes?

O contato inicial se deu através da presidente da Cooperativa Unindo Forças, Sra. Jordânia Pereira, após conhecer um projeto de parceria que havíamos realizado anteriormente com um marceneiro em Jundiá. Ela nos procurou e apresentou sua cooperativa de marcenaria. Em seguida passamos a elaborar um plano de parceria visando unir designers e cooperados numa experiência mutuamente positiva. O primeiro contato ocorreu numa visita inicial, de prospecção, onde os coordenadores das equipes foram até o Vale do Sol para conhecer a realidade local e identificar oportunidades de atuação. Alguns dias depois esta comunidade já estaria recebendo mais de 20 estudantes, em sua grande parte designers, que se dedicaram a visitar residências, conversar com moradores, interagir em eventos locais e entender melhor este usuário.

Qual você acredita que tenha sido o resultado, depois do trabalho? Acredita que houve uma melhora efetiva na condição social? Considera que a intervenção do design neste projeto foi crucial nesta transformação?

Creio que o mais importante legado de nossa parceria foi a afirmação de uma cultura de projeto, que antes não havia pois os produtos eram pensados de maneira artesanal. De imediato pudemos verificar como isto contribuiu para a melhora do desempenho daquela cooperativa, tanto em termos econômicos quanto em

termos de moral e estima. Houve grande difusão deste projeto e de seus produtos na internet, em blogs, portais de notícias, destaques em canais de tv on-line, prêmios de design e até houve a publicação de um artigo sobre a experiência em congresso de design naquele ano. Tudo isso contribuiu para que o movimento de clientes aumentasse e a evasão de cooperados diminuísse. Me lembro da alegria da presidente quando nos comunicou que já estavam conseguindo pagar as contas da empresa na data do vencimento, graças a um fluxo de caixa maior. Deixamos a cooperativa em início de uma parceria com a loja Tok Stok que, se bem sucedida, seria capaz de fortalecer ainda mais este cenário positivo. Tendo em vista que esta loja preza por produtos com a proposta do design, penso que nossa ação por lá contribuiu para este encontro. Uma de nossas frentes de projeto visava justamente desenvolver projetos que agregassem valor ao pallet descartado. Ainda, havia outra frente que buscava a estratégia dos produtos para consumo local, porém apesar de ter sido iniciada produção seriada, não posso dizer ao certo se este fluxo de produção e consumo local pôde acontecer da maneira que imaginávamos. Infelizmente não voltamos a realizar acompanhamento com o passar do tempo. Aliás, este é um dos problemas quando não se possui uma estrutura um pouco mais profissionalizada, como a nossa. E isto vai de encontro aquela questão de uma empresa júnior que comentei anteriormente.